

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS  
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

FERNANDO MANTELLI  
**CONFISSÕES PERDIDAS**

Porto Alegre

2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**FERNANDO MANTELLI**

**CONFISSÕES PERDIDAS**

Dissertação apresentada na Escola de Humanidades programa de Pós-graduação em Letras da Pontificia Universidade Católica como requisito para obtenção do título de Mestre em Escrita Criativa.

Orientador Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva

PORTO ALEGRE

2019

**FERNANDO MANTELLI**

**CONFISSÕES PERDIDAS**

Dissertação apresentada na Escola de Humanidades programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica como requisito para obtenção do título de Mestre em Escrita Criativa.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dra. Marina de Oliveira  
Universidade Federal de Pelotas

Dr. Pedro Theobald  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 17 de janeiro de 2019.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001*

## SUMÁRIO

Resumo .....	4
Parte I	
<i>Confissões perdidas</i> .....	6
Parte II	
De mentiras desperdiçadas a confissões perdidas – o processo criativo do romance	
<i>Confissões perdidas</i> .....	78
Referências .....	103

## RESUMO

O trabalho consiste na escritura do romance *Confissões Perdidas* que trata de um dia na vida de duas pessoas que se encontram em situações limites. Acompanhando o texto literário segue um ensaio de reflexão sobre a prática, focando em especial no processo de adaptação, já que a origem do texto vem de um roteiro cinematográfico.

**Palavras-chave:** Romance, Adaptação, Cinema, Literatura.

## ABSTRACT

*The work consists of the writing of the novel Lost Confessions it is about a day in the life of two people who find themselves in limit situations. Accompanying the literary text follows a reflection on the practice essay, with particular attention to the process of adaptation, since the origin of the story comes from a cinematographic script.*

**Key-words:** *Novel, Adaptation, Movies, Literature*

PARTE I

## Confissões perdidas



**CONFISSÕES PERDIDAS**  
de Fernando Mantelli

## 1. O buraco negro

A onda de calor estava insuportável. A temperatura subira de um modo brusco e, mesmo a noite, não baixava dos trinta graus. Pequenos incêndios surgiam aqui e ali na cidade. O ar desistira de se mover, e então, as plantas secavam e a saliva espessava na boca. Ventiladores sopravam inquietos os rostos suados. O calor entrava pelos olhos, pelo nariz.

Naquela manhã, Elisa acordou mais tarde do que de costume. Se sentia enjoada. Vinha se sentindo enjoada, há duas semanas. Foi até a cozinha, abriu a geladeira e olhou para as coisas lá dentro: duas garrafas de água, uma caixa de leite, um pedaço de queijo, frios enrolados em um saco plástico, ovos brancos encaixados na porta, sobras do jantar em um tupperware de tampa vermelha, um resto de coca-cola no fundo da garrafa de dois litros e um tablete de manteiga. Nada dava vontade. Ultimamente era assim para Elisa. Quer dizer, de uns anos para cá sua vida vinha sendo assim. Mas nos últimos meses, meu Deus, parece que havia piorado ainda mais.

Há quatro meses, abandonara a terceira faculdade. Letras. Já havia tentado arquitetura e comércio exterior. Quando entrou no curso estava empolgada, como sempre. Mas, desta vez, ficou com a sensação de que tinha encontrado seu lugar. Lia muita coisa na época – os autores norte-americanos eram seus favoritos – e ela mesma andava se aventurando a escrever algumas coisinhas. Talvez tivesse talento. Era o que diziam algumas colegas, amigas dela, é verdade, mas, também, o professor de narrativa, que elogiou muito um conto seu, ressaltando o erotismo ousado que o texto apresentava. Essas eram palavras dele, que muito a envaideceram. Logo, começou a se interessar pelo professor esse, um cara já nos seus quarenta e poucos anos. Elisa sempre teve essa queda inexplicável por homens de meia idade. Passou a ir à aula com roupas provocantes, sentava na primeira fila, as pernas cruzadas e um pirulito na boca. Por um bom tempo, sonhou com um romance com o tal professor e uma carreira literária.

Mas nada daquilo durou muito, ao final do terceiro semestre já estava largando as aulas, afundada em um prato de cocaína. Também, olha o azar, pensava ela, em vez do professor intelectual, foi namorar justo um viciado, traficantezinho de boutique. O final de namoro foi uma esculhambação só, Elisa saiu com um outro cara, o namorado

ficou sabendo e a cobriu de porradas na saída da faculdade, na frente dos colegas, que assistiram a tudo sem mover um dedo.

Aí o jeito foi mudar de cidade. Voltou para Porto Alegre, de onde saíra aos dezoito anos, quando fora para Florianópolis com sua mãe. Agora, iria morar com Nara, sua irmã. Nara era oito anos mais velha, fazia faculdade na época e preferiu não ir junto com elas. Conheceu Fred, um quarentão empregado de gabinete de político. Eles moravam juntos há dois anos.

Elisa apanhou o leite da geladeira e encheu um copo. E agora de que adiantava ela estar ali? Não tinha o que fazer, não conhecia ninguém – o que ao menos a mantinha longe da cocaína. Mas esse pensamento não a animava. Ela tinha consciência de que não era a única que estava sozinha naquela cidade, sim havia muitas almas solitárias como a dela, mas ela não as conhecia. Porém, sabia que isso era apenas uma questão de tempo. Logo encontraria outros como ela, drogados, perdidos e recomeçaria todo o ciclo. Trocariam só as pessoas.

Pensou sobre o desespero que vinha sendo sua vida, sabe-se lá desde quando. Estava com 25 anos e não conseguia ver nada. Nem para frente, nem para trás. Se sentia um lixo. Possuída pela euforia da cocaína, era a dona do mundo. Mas o outro dia era cruel demais de suportar na solidão de um quarto frio. E cada vez mais e mais parecia difícil para ela aguentar tamanha angústia. Por isso foi ela mesma quem pediu para ser internada. Sua mãe não poupou um centavo: baixou a filha na melhor clínica. E, saindo de lá, essa mudança de ares.

Tomou um gole de leite e sentiu gosto de podre. Cuspiu o leite na pia. Veio uma ânsia e vomitou na cuba. Foi uma golfada só, e então a ânsia passou. Ela limpou a boca com as costas da mão e ficou pensando no seu maior problema. Um problema que fazia o vício no pó, a internação, a falta de perspectiva, a inquietude, fazia todos os outros problemas da sua vida parecerem banais e menores. Ela suspeitava estar grávida.

Havia sido um erro ela ter vindo para Porto Alegre, disso tinha certeza naquele momento. Vivia em um ambiente que a enjoava. Seu cunhado a enjoava. Ela o achava um escroto. O jeito que olhava para ela quando Nara não estava junto. Elisa não confiava nele, dormia com a porta do quarto trancada.

Sua irmã também a deixava com nojo. Nara estava tendo um caso com um cara mais novo. Toda tarde, enquanto Fred trabalhava, Nara recebia o cara em casa. Ela pedia então que Elisa saísse e só voltasse depois das cinco da tarde. Nara também entregava a ela seu celular, para caso Fred ligasse, então Elisa inventaria alguma desculpa para ele. Seu desprezo por Fred era tanto que ela achou toda a história engraçada. Mas isso foi lá no começo. Agora já não conseguia achar mais graça de nada.

Uma noite, Elisa saiu para jantar com a irmã e o cunhado. Eles beberam, fumaram e, na saída, passaram no supermercado e compraram cerveja para beber em casa. Ela só lembrava dos três sentados na mesa da cozinha, Nara ria alto e Fred estava quieto e taciturno. Depois, já era outro dia, e Elisa estava em sua cama. Acordou se sentindo estranha. Na verdade, sentia um incômodo que não sabia definir direito, foi até o banheiro, fez xixi e uma gosminha saiu lá de dentro. Na hora Elisa entendeu tudo, mas ficou dizendo para si mesma que não, não podia ser verdade.

Entrou no banho e chorou muito. A água morna que escorria pelo seu corpo parecia uma chuva ácida queimando sua pele. Queria se limpar, mas a podridão que sentia parecia impregnada em seus poros. Debaixo daquele chuveiro, era como se o tempo houvesse parado e a escuridão e o silêncio tivessem tomado conta de tudo. O redemoinho que se formava no ralo era o seu próprio buraco negro que a sugava para o abismo.

Na cozinha, encontrou o casal tomando o café da manhã. Nada comentou com Nara e nem com Fred. Olhava bem para ele, mas ele agia com naturalidade, como se coisa alguma houvesse acontecido.

“Como foi que eu fui parar na cama?”, perguntou Elisa.

Fred olhou para ela e depois olhou para Nara e balançou a cabeça.

“Vocês duas capotaram em cima da mesa”, disse ele. “Tive que levar no colo”.

Nara riu, mas Elisa não. Ela olhou bem séria para ele, mas ele voltou-se sorrindo, apanhou uma fatia de presunto na geladeira e enfiou dentro da boca.

Elisa teve certeza. Ela sabia e Fred percebeu que ela sabia. Mas porque ela não fez nada? Essa pergunta surgia para ela como um monstro e a congelava de pavor.

Depois disso, o pesadelo só aumentou, pois a menstruação de Elisa não veio mais.

Havia duas semanas ela fez o teste de farmácia e o resultado foi negativo, mas mesmo assim, não estava convencida. Ao contrário, fora tocada por uma perturbadora premonição, ela *sabia* que estava grávida.

Olhou para o leite e o vômito derramados dentro da cuba da pia e pensou que tinha de fazer o teste de sangue, urgente. Então sentiu um aperto no coração, abriu a torneira e ficou olhando a água lavar toda a sujeira.

## 2. O colapso

A cachorra estava doente. João sempre fora contra a cachorra. Quando Livia chegara com o filhote pulguento e mal cheiroso, ele logo pensou, pronto, quem iria cuidar de tudo? Mas, enfim, sentia-se em dívida permanente com a esposa.

Era mais uma segunda-feira. João tinha acabado de levantar e estava na cozinha iluminado pela luz difusa que vinha dos vidros envidraçados da janela. Sozinho, tomava seu melancólico café da manhã tardio. Então o telefone tocou. Era Livia.

“Liguei várias vezes. Acordou agora?”

Foi aí que ela lhe deu a notícia da doença da cachorra. “Depois do almoço, tu leva ela na veterinária”. E desligou em seguida.

João ficou parado junto à porta, as mãos nos bolsos. Ultimamente, as coisas estavam difíceis. Impressionante como tudo dava errado. Havia completado nove meses sem emprego, desde que fora demitido da fábrica. E foi de repente, assim, sem mais nem menos. Redução de custos, corte de pessoal. Quinze anos de dedicação descartados feito um dejetivo. Mas quem poderia saber? Hoje em dia ninguém mais sabe de nada. Tudo pode acontecer. Veja por exemplo a Ana. Ela trabalhava com João na contabilidade. Ela dizia que amava João. Era uma garota doidinha que gostava de caras mais velhos, foi o que disse a ele na primeira vez em que ele lhe deu carona. Não costumava sair com homens casados, isso ela lhe falou na primeira noite. Ao longo de três meses, João deu carona para Ana até que, certo dia, se beijaram e ficaram se agarrando em frente ao prédio onde ela morava. Na semana seguinte foram direto para o motel.

No princípio, parecia uma aventura, mas João pressentira tudo. Como uma formiga diante da aproximação de uma enchente, percebera os primeiros sintomas do colapso de sua família.

Agora João tinha uma amante. Deus do céu, não sabia o que fazer. Não queria continuar com o caso, mas também não queria romper. Não tinha de onde tirar força para tanto. Nesses dias vazios, sem trabalho, sem rotina, não conseguia se imaginar longe de Ana.

João tinha consciência de que sua vida estava à deriva. Além de tudo, começava a se sentir velho. Tinha quarenta e cinco anos e a calvície já aparecia em sua cabeça, junto a uns fios brancos. O tempo gotejava feito sangue. Na verdade, tudo ao seu

redor o assustava, como se estivesse perambulando por um mundo assombrado por seus próprios fantasmas.

João largou a xícara com um resto de café já morno sobre a mesa e, de repente, feito uma onda, veio a sensação de que havia perdido o controle de tudo. O que estava acontecendo com ele? Era o que João queria saber.

Motivos de aborrecimento de sobra e, há uns dois meses, Livia inventou o raio daquela cachorra vira-lata.

Livia e as crianças saíam cedo e a maldita cachorra passava as manhãs latindo e perturbando. Quando João despertava de ressaca do sono embalado por maconha e bebida, o travesseiro sobre a cabeça, encolhido na cama feito um rato, sua vontade era de esganar Edna, a cadela.

Na verdade, Edna apenas informava a João todas as manhãs que ele ainda estava vivo. E, acompanhando a consciência da vida, vinha de imediato o medo terrível da morte.

Tirou as mãos dos bolsos e resolveu ir até a área de serviço dar uma olhada na cachorra. O ar quente e úmido da manhã sufocava. Observou ao longe uma nuvem negra de fumaça que se erguia do chão, assombrando feito um espantalho gigante. Era um incêndio perdido em meio aos prédios baixos. João balançou de leve a cabeça em desaprovação e o que passou na sua cabeça naquele instante foi em que raio de subúrbio ele havia se entocado.

Edna estava abatida, deitada em sua caminha de panos amontoados. João se aproximou, mas recuou enojado quando percebeu um pouco de vômito em meio as cobertas. Algumas moscas vojavam em torno. Ficou indeciso sobre como agir, foi quando, neste momento, seu celular tocou e facilitou sua decisão. Era Ana quem ligava. Isso já o desagradou, pois não gostava que ela ligasse para ele. Mas Ana sabia que esta hora João estava sozinho.

“Oi, meu bem. Falei com o Leo. Disse a ele que tu teve um problema com as crianças na sexta-feira, mas que hoje tu vai lá sem falta”.

Pronto! Ana queria ajudar, mas sempre funcionava ao contrário com João. Acontece que Leo era um ex namorado de Ana, dono de uma gráfica. João não gostava nem um pouco dele. Na verdade, achava Leo um merda. Mas era uma oferta de emprego. Irrecusável, na situação em que se encontrava. Porém, nojo e orgulho o

impediam de ir até lá. Era como se algo fervilhasse dentro dele, feito um demônio. Se recusava a reconhecer as coisas. A reconhecer o mundo. Mas hoje iria sem falta, prometeu a Ana antes de desligar desgostoso. Realmente não havia alternativa, a conta bancária no último vermelho, prestação do carro atrasada. Lembrou de telefonar para o gerente do banco para fazer aquele empréstimo. Não podia perder o carro e tinha que cobrir um pouco do saldo negativo. Estava adiando isso há algumas semanas, como adiava tudo mais.

Ai pensou na cadela e no empréstimo e na entrevista e sentiu uma fisgada no coração.

Esfregou suas mãos finas no rosto e tentou tirar aquilo da cabeça por alguns instantes. Mas o mal-estar estava enganchado num canto de sua consciência feito a ponta de um anzol. Por mais que se esforçasse em pensar em outras coisas, não conseguia fugir, milhares de pensamentos semelhantes aqueles percorriam sua mente.

Serviu uma xícara de café e tomou um longo gole. A única coisa que tinha certeza era que estava fazendo tudo errado. Sua vida tinha virado uma confusão, uma mentira em cima da outra, até o ponto de ele não saber mais como conviver com todas aquelas mentiras.

Um urubu passou voando próximo à janela, feito uma alma negra em direção ao inferno. João o observou até ele sumir.



### 3. Sex appeal

O quarto de Elisa era pequeno e, apesar dos móveis de madeira pintados de branco, era mal iluminado e transmitia uma atmosfera opressiva. A janela, que dava de frente para a janela do outro apartamento, estava coberta pelas cortinas verdes e permanecia sempre fechada. O quarto jamais via a luz do sol.

Era um daqueles apartamentos construídos nos anos sessenta no centro de Porto Alegre, as peças eram amplas, mas havia só um banheiro e o quarto menor dava para o poço de luz. Viviam no décimo - terceiro andar.

Elisa estava parada de pé diante do espelho de corpo inteiro ao lado da porta, compenetrada na própria imagem. A maquiagem estava impecável – a sombra realçava seus pequenos olhos castanhos. Virou de perfil e admirou seu nariz esculpido com graça. Ah, e como ela se orgulhava desse rico narizinho! Balançou sua abundante cabeleira castanha com pontas claras e assoprou as mechas que caíam sobre seu rosto. Vestia uma calça jeans bem justa. Olhou para sua bunda e seu corpo esquiado e em forma e ficou satisfeita. Sua bunda não era grande nem pequena, mas era dura e bem formada. “O círculo mais perfeito da terra”, como lhe disse um cara certa vez. Elisa andava com ela sempre um tanto empinada, o que chamava a atenção dos homens. E isso era algo que considerava essencial. Nunca fazia questão de esconder sua sensualidade. Vaidosa, gostava quando tinha a confirmação de sua beleza através dos olhares dos outros. Os homens quando estavam perto dela se comportavam feito cachorros babões, e ela não era de baixar a cabeça, ao contrário, isso inflava seu ego. Nos momentos em que a coisa descia ao nível de vou-te-comer-toda-chupo-tua-bucetinha ela ignorava, fazia pouco caso, ou por vezes insultava de volta – os boçais mais canalhas quase sempre mostravam-se os mais ignorantes quanto à sedução. O certo é que raramente se intimidava e, muitas vezes, quem acabava intimidando era ela. Mas Elisa não queria agradar só aos homens, as mulheres também a interessavam. Se sentia importante toda vez que era desejada. Vivia sob as leis da atração e mantinha as coisas sob controle. Seu poder estava no seu magnetismo, combinado com seus atributos físicos e a cobiça que eles originavam. A vida toda fora assim para ela. Só que, nos últimos meses, até isso, que sempre convivera tão bem, vinha a incomodando, como um sinal escuro que nasce de repente na pele. Porém, era o que ela tinha no momento.

Vestia apenas um sutiã preto, e então, levou as mãos às próprias mamas. Também não eram grandes. Ela queria seios maiores, invejava as mulheres com aqueles peitões enormes e chamativos. Pensava em colocar próteses. Gostava de usar aqueles sutiãs com enchimento. Mas, naquele momento, ela apalpava os seios e, estranho, eles pareciam maiores e mais firmes. Além disso, estavam mais sensíveis do que nunca.

Elisa sentiu um súbito cansaço, recostou-se na cama com um leve rumor e ficou olhando para o teto. Contemplava uma débil teia de aranha. Tentava buscar o nada como pensamento, mas não conseguia. Então, um torpor repentino chegou e se apoderou dela, como se tivesse tomado um sonífero. As pálpebras de Elisa começaram a se fechar contra a sua vontade.

Ela nem ao menos percebera que tinha dormido e já estava sonhando. Permanecia deitada em seu quarto, ouvia-se um choro de criança ao longe. Ela levantou da cama devagar e postou-se diante do espelho. O sutiã que usava arrebitou-se de repente e suas mamas saltaram, enormes e rijas. Elisa admirou-as no espelho – estavam grandes e lindas, os mamilos arrepiados. Começou a acariciá-las de leve. “Gravidez é tudo de bom!”, disse empolgada. Então ela percebeu a janela aberta, e viu homens escondidos no escuro, no apartamento em frente. Com olhos negros e bocas vermelhas, eles a espionavam e cochichavam entre si.

Havia algo de diabólico naqueles rostos e Elisa sentiu medo dos olhares maldosos e das bocas molhadas. Num movimento decidido disparou até a janela. Enquanto corria reparou que seus seios mal e mal arfavam, de tão tesos. Atiçados, os homens se revelaram mais – tinham os rostos pálidos feito fantasmas, uma baba espessa escorria das bocas encarnadas. Elisa colocou meio corpo para fora e tentou fechar a veneziana, mas uma mão esquelética e fria surgiu de repente e segurou seu braço. Ela deu um grito, puxou com todas as suas forças e, livrando-se da mão, conseguiu por fim fechar a janela.

Soprava um vento terrível no quarto, mas, quando ela olhou de onde vinha, percebeu que emanava de um buraco em seu peito.

#### 4. Papel de pai

Quando Lívia e as crianças chegaram com o almoço, João já tinha preparado a mesa. Ignorando a presença do pai, as crianças correram eufóricas até a sacadinha ao encontro da cachorra. E então Lívia limpou o vômito.

João retirou as tampas de papelão das embalagens de alumínio – salada, feijão, arroz, bife e batata-frita. O contato com aquela comida era desagradável para ele e o desanimou ainda mais. Lívia comprava o almoço todo santo dia em um restaurantezinho que ficava a duas quadras dali. João não tinha implicância contra o lugar, apenas estava saturado do tempero, do cheiro, do cardápio, enfim, de tudo.

Serviu as porções das crianças nos seus pratos. Preparava cada prato colocando o feijão sobre o arroz, separando um punhado de batata e cortando a carne em pequenos pedaços. E, atualmente, isso vinha sendo seu máximo em termos de papel de pai.

Conduzidas por Lívia, as crianças sentavam-se em seus lugares – os gêmeos um em frente ao outro, ao lado de João que ficava na cabeceira, e a menina em frente a Lívia.

A menina tinha nove anos e, ao contrário das outras meninas da sua idade, que já eram muito espertas, ela era lenta. Sempre fora muito bonita a menina, com a boca grande que herdou da mãe e os olhos profundos do pai, todos achavam que ela poderia ser modelo fotográfico ou algo do gênero, porém, lá pelos seis anos começaram a perceber que a menina era lenta. Já os gêmeos tinham três anos e viviam em constante guerra um contra o outro, como se não conseguissem permanecer ao mesmo tempo no mesmo mundo.

Uma luz quente vinha da janela, dando um ar íntimo à cena dos pais e filhos reunidos à mesa. Mas João sabia que não iria encontrar nenhum tipo de alegria familiar naquela refeição.

“Mas nem pra limpar o vômito, João. Que nojo!”, disse Lívia.

João fingiu se ocupar servindo o suco nos copos das crianças. Percebeu que a esposa estava de mau - humor.

“A Edna não tá bem. Primeira coisa, depois do almoço, leva na veterinária”, insistiu ela.

Era uma ordem direta. João pensou em responder ríspido. Mas ultimamente costumava repensar no que falava. Naquele momento, engoliu sua resposta ríspida junto com a salada.

“Tenho um monte de coisas pra fazer hoje”, disse ele.

“Tipo o quê?”

“Tipo uma entrevista de emprego”.

“Aproveita e vê se faz essa barba”.

Os olhos fortes e calmos de Lívia irritavam João, que encontrava neles uma crítica insuportável.

Ele desviou o olhar e mastigou com força um pouco de feijão e arroz.

A hora do almoço era um verdadeiro terror para João.

“E, além do mais, não tenho dinheiro”, disse ele.

“Eu pago”.

“E o carro tá sem gasolina”.

“Eu te dou dinheiro pra gasolina também”.

O tanque tinha mais de um quarto, mas João mentiu. Sentia vergonha, mas agia assim do mesmo modo. Mais uma mentira e, desta vez, por um motivo humilhante. E então, num relance, João percebeu que com essa mentira ele havia ido além. Estava denunciado afinal seu caráter corrompido. Que aquela mentira vil e aparentemente insignificante falava muito mais do que todas as outras mentiras. E assim, de uma hora para outra, um homem bom se tornava mau.

Os gêmeos jogavam feijão e arroz um no outro, a menina comia em silêncio. João tentou engolir a comida. Tinha gosto de cinzas.

## 5. O universo da aparência e o costume dos mortos

Elisa acordou assustada com o súbito som das batidas secas. Nara avisava impaciente por trás da porta que já eram quase duas horas.

“Só um pouco“, respondeu Elisa.

Ela sentou-se na estreita cama de solteiro e ajeitou o cabelo que caía sobre o rosto. Estava toda suada. Havia deixado uma mancha escura no formato do seu corpo sobre o lençol na cama. Tinha a sensação de que seu peito se espremia, feito um pedaço de papel que vai sendo amassado.

A presença da irmã perturbava sua razão. Lembrou-se de sua função naquele jogo sujo e, de imediato, começou a tremer e sentiu-se um pouco indisposta, então fechou os olhos e respirou fundo por três vezes. Na última vez, quando soltou o ar, se contraiu toda, feito uma lesma. Com os braços pendidos numa postura desanimada, começou a remoer tudo de novo na sua cabeça. A angústia gerada pela incerteza crescia em seu coração. Jesus! Tinha que tomar remédio, um Rivotril, ou talvez uma Ritalina. Ela não sabia ao certo, só tinha que tomar algo, urgente, daquele jeito não era mais possível.

Devagar, levantou o rosto e se enxergou no espelho. Seu olhar estava vazio e sem vida.

Sabe-se lá quanto tempo ela ficou parada naquela posição, mas fora tempo o bastante para Nara bater na porta outra vez. E aquelas batidas soaram como tiros à queima-roupa. De pronto, Elisa colocou uma blusa verde decotada que se estendia ao pé da cama e calçou os tamancos de salto-alto – que permitiam vislumbrar os dedos de unhas pintadas e anéis de prata. Deu uma última olhadinha no espelho, enquanto prendia o cabelo com um elástico verde. Então, abriu a porta do quarto.

Nara estava parada diante dela, super maquiada e vestindo uma lingerie longa e dourada que marcava bem seu corpo. Elisa a olhou devagar de cima a baixo, e a barriguinha mole que deformava o tecido da camisola causou a ela um leve mal-estar. Nara vivia confinada por inteiro no universo da aparência, e a decadência já dava os primeiros sinais do quanto esse universo poderia ser doloroso. Em outros tempos, gozava de um corpo exuberante. Sempre fora um espelho para a irmã mais nova, que a idolatrava e fazia de tudo para ser igual a ela. Porém, naquele momento, com a irmã parada a sua frente, a impressão que Elisa tinha não era das melhores. Acima do peso,

maquiada que nem palhaça, pelanca nos braços, barriga. Havia um quê de indecência em Nara, ou mesmo obscenidade. Elisa sentiu vergonha pela irmã e então se perguntou se não ficaria assim em sete anos. Um arrepio percorreu sua coluna.

“Que foi? “, perguntou Nara.

Elisa baixou a cabeça e deu de ombros.

“Tá estranha, Elisa”, disse Nara. “O dia inteiro dentro do quarto”.

Elisa não olhou nos olhos da irmã.

“Por que não quis almoçar?”, perguntou Nara.

“Tô sem fome”.

Falava lentamente, como é costume dos mortos.

Por um instante, Nara lançou a ela um olhar de preocupação de irmã mais velha, mas foi uma preocupação rápida, pois logo lembrou-se de sua própria vida – estava excitada demais com seu caso extraconjugal para se importar com outra coisa. Ela entregou a Elisa seu telefone celular.

Elisa não tinha celular. Sua mãe confiscara e, depois da internação, ela mesma achou melhor não ter mais. Havia se desligado das redes sociais e do contato com as pessoas. Não tinha mais amigos, não conhecia mais ninguém. Apanhou o aparelho com resignação e, sem dizer palavra, saiu porta à fora.

E lá se foram Elisa e seu olhar vazio - feito o olhar de um morto - para mais um passeio vespertino.

## 6. Dinheiro sujo

Era um prédio pequeno, de quatro andares. Eles moravam no terceiro. A construção era nova, as árvores do jardim ainda eram adolescentes.

A garagem ficava no térreo. O box deles era o último, assim, cabiam os dois carros um atrás do outro, porém, era preciso manobrar toda vez que o carro de trás tinha que sair. João havia descido, com as chaves, e invertera a ordem dos carros. Agora esperava por Lívia.

Não soprava sequer uma brisa, foi só desligar o ar-condicionado e João já começou a transpirar atrás do volante. O sol batia na janela lateral. Ansioso como sempre, já achava que a mulher estava demorando além da conta. Começou a ficar irritado, pensou em buzinar, mas lembrou do efeito que isso causava na esposa, então sufocou sua irritação.

João saiu do carro e parou na sombra estreita do prédio. O sol ia alto. Olhou o relógio duas vezes dentro do mesmo minuto. Inacreditável como demorava para passar o maldito minuto, pensou. Ah! Até que enfim. Lívia surgiu trazendo a cadela no colo. A lentidão do caminhar da esposa o irritou ainda mais.

Lívia havia enrolado Edna em panos, então a colocou com cuidado no banco traseiro do carro de João. A seguir, sentou-se com a porta aberta, os pés para fora do carro. João ficou parado de pé em frente a ela. Sua sombra a protegia do sol.

Lívia retirou do bolso algumas notas, separou um tanto e ofereceu a João.

“Toma! O dinheiro da consulta.”

João apanhou as notas e contou-as.

“E a gasolina?”, disse.

Algo de duvidoso em sua índole o fazia levar adiante aquele golpe.

O olhar de Lívia dizia que sabia de tudo. Ela separou mais uma nota e entregou para ele.

Era como se estivesse pegando um dinheiro sujo. João sentiu vergonha, ficou com raiva da esposa.

“Não sei porque ir nesse veterinário, longe pra cacete”, disse.

“Lá não é longe. Nós que moramos longe”, disse Lívia, com desgosto.

“Longe e caro”, resmungou João.

“Mas lá tem a veterinária que eu confio”, disse ela. “Ela sempre cuidou dos meus cachorros. Há mais de trinta anos”.

Havia um tom na voz de Lívia que soava esnobe para João. Aquilo expandia sua irritação.

“Tem que cair na real que tu não mora mais na Independência”, disse ele. “Aposto que aqui pelo Planalto deve ter muito veterinário bom”.

“Não sei, eu não confio”.

“Mas é uma cadela vira-lata!”

Lívia ficou horrorizada, indignada. Chamou João de idiota.

“Não sei porque tu odeia ela”, disse, afagando Edna. “Ela é tão fofa”.

“Pelo amor de Deus, eu não odeio ela”.

“No fundo tu odeia”, disse ela definitiva, olhando triste para Edna, aninhada em meio aos panos.

João entrou no carro, sentou atrás da direção e deu a partida.

“Liga o ar-condicionado!”, recomendou Lívia, acarinhando a cabeça da cachorra.

João deu uma leve acelerada.

“E vai direto pra lá”, disse ela. “Não inventa nada no caminho”.

A provocação na fala de Lívia irritou João mais uma vez.

“Fala como se eu fosse um retardado”, disse, voltando-se para trás. “Mas o que eu iria inventar no caminho?”

João sabia ao que ela estava se referindo.

“Não sei”, respondeu Lívia irritada. “Não quero falar nisso”.

João também não queria.

“Só leva a cadela lá. Por favor”.

João era o maioral, o rei da resposta rápida. Pavio curto, não levava desaforo para casa. Mas cantava fino diante de Lívia.

“Bom”, disse ela, respirando fundo. “Vou subir antes que os gêmeos se matem”.



## 7. Contagem regressiva

O elevador antigo fazia uns barulhos estranhos enquanto descia, como se houvesse ratos roendo os cabos de aço. Elisa procurava seus cigarros na bolsa, mas, nervosa do jeito que estava, a maldita bolsa parecia não ter fundo. Sempre que ela pensara no eventual problema que seria uma gravidez indesejada, jamais havia imaginado que seria assim. Era a favor das causas pró aborto, óbvio. Dizia a todos, e pensava mesmo em seu íntimo, que, se um dia engravidasse, e não quisesse a criança, abortaria na mesma hora, sem hesitação. Mas, naquele momento, no qual sequer tinha certeza de estar mesmo grávida, esse pensamento a enchia de pavor.

Afinal encontrou o cigarro e o isqueiro. Então, no oitavo andar, a porta do elevador se abriu e uma mulher e uma menina entraram. Tudo nelas dizia que eram mãe e filha, em especial o cabelo loiro bem claro. A menina, que devia ter uns sete anos, ficou encarando Elisa, que instintivamente escondeu a mão que segurava isqueiro e cigarro e recostou-se mais para o fundo do elevador. Por algum motivo, o olhar daquela menina a intimidava. A mãe, percebendo o embaraço, cochichou no ouvido da menina.

“Filha, não é educado encarar as pessoas”.

Então a menina passou a olhar para o mostrador que indicava os números luminosos dos andares e começou a fazer em voz alta a contagem regressiva a medida em que o elevador descia. E cada andar, e cada número recitado soava como uma eternidade.

Chegaram ao térreo, a porta do elevador se abriu e Elisa saiu afobada de lá, feito um mergulhador que salta à superfície após um longo mergulho. No saguão o ar estava fresco, mas, logo que ela atravessou a porta que dava para a rua, o bafo quente a envolveu como uma neblina invisível, e ela sentiu uma violenta opressão. A luz era de uma claridade cruel. O sol estava a pino e abrasava tudo. E não tinha piedade alguma dela.

Havia um ipê de dez metros de altura bem em frente ao prédio. Ela parou debaixo da sombra da árvore. A mulher e a menina passaram por ela e foram se afastando pela calçada, a menina olhando para trás, encarando Elisa enquanto era arrastada pelo braço. Ela esperou a menina se afastar e acendeu o cigarro, não sem

antes, no momento da primeira tragada, lembrar do seu problema e sentir um aperto no estômago.

Um motoqueiro passou acelerando pela rua e buzinou para ela feito um maníaco. Aos poucos, Elisa começou a ficar menos ansiosa, mas fumava com fúria e pressa, batendo o tamanco no chão. Observava as árvores, os raios de sol castigando as folhas. A onda de calor achatava a paisagem.

Fumou o cigarro até o final, atirou longe a bagana e saiu decidida pela calçada. Sabia onde ficava o laboratório que realizava aquele tipo de exame. Cruzava em frente a ele toda vez que fazia seu passeio vespertino. Um carro prata passou por ela devagar, diminuiu a marcha e parou mais a frente. Elisa seguiu andando na calçada, o carro emparelhou com ela e o motorista buzinou de leve. Elisa deu uma olhadinha e viu o sorriso por debaixo dos óculos escuros, fazendo caras e bocas. Ela seguiu adiante, a buzinação curta insistiu, ela ignorou. Ai, não, por favor. Definitivamente não estava disposta a esse tipo de coisa. Ainda mais com um pangaré qualquer. Hoje, nem se aparecesse o Ryan Gosling de sunga, pensou. A vaidade ainda a fazia manter as aparências, mas por dentro estava seca. Era como se o fogo de seu desejo houvesse sido sufocado, restando apenas um punhado de cinzas pálidas.

## 8 . O fim da escuridão

O calor atingira o pico, o sol estava alto e esmagava as sombras contra o chão. João rodou duas quadras com o carro, estacionou debaixo de um cinamomo e começou a fechar um baseado.

Todo dia, depois do almoço, João fumava maconha – as tardes eram muito longas e tediosas. Naquela manhã, logo após ter falado com Ana ao telefone, disse a si mesmo que não iria fumar antes da entrevista. Mas quando se encontrou sozinho, não resistiu. Um dois pegas, que mal iria fazer? Com a ansiedade que estava, era até melhor fumar e chegar lá mais relaxado.

Ligou o rádio e ficou passando de uma estação para outra. As quatro rádios de Porto Alegre que se ocupavam de notícias sobre futebol eram as que estavam na memória do rádio de João. E ele escutava aquilo o tempo todo. Mas, naquele momento, se sentiu incomodado com aquelas idiotices. Então, desligou o rádio num acesso de irritação. No banco de trás, Edna soltou um gemido. João virou-se e encarou a cachorra.

“Já vamos, Edna”.

No fundo, João não odiava Edna, não tinha nada contra ela e sabia que, dos problemas que enfrentava, esse era o menor.

Uma brisa quente soprou e jogou pequenas folhas amarelas no pára-brisa do carro. João suspirou e, em seguida, acendeu o baseado e deu um longo pega, como que degustando o fumo. Nenhuma nuvem no céu. João soltou longamente a fumaça, ligou o carro e saiu rodando sem rumo.

Num primeiro momento, quando a droga subiu à cabeça, um acesso de consciência tomou conta de João. A lucidez era tanta que ele percebeu o tamanho de seu desespero. Então tudo ficou insuportável e sua vontade foi de jogar o carro do viaduto e dar um fim a isso tudo.

Mas, aos poucos, a sensação de bem-estar começou a tomar conta e João percebeu que havia chegado a hora de começar a fazer as coisas. Tudo ficou claro, as decisões que haveria de tomar a partir de então. A escuridão havia se desfeito afinal, e foi assim, num estalar de dedos. Que ironia! Começou a raciocinar, até que enfim, tinha de por as coisas em ordem. Afinal, seus problemas nem eram tão graves assim, pensou. Ia começar levando a cachorra no veterinário, depois a entrevista. Era vital

terminar o caso com Ana, é claro. Talvez isso fosse o mais difícil. João não queria magoar a garota. Até preparar o terreno, João se deu uma semana. Uma semana e acabava tudo. E seguiu andando com o carro.

A temperatura dentro do carro estava agradável. Rodavam devagar. João fumando o seu baseado. A cadela ia deitada confortável em seu ninho improvisado no banco de trás. Andavam por ruas residenciais. Eram ruas asfaltadas, planas, áridas. João não gostava do bairro onde moravam. Jardim Planalto. Vê se pode, pensava ele, que buraco! Mas era um apartamento confortável e o aluguel era barato. João gostava mesmo era do bairro Auxiliadora onde se criou, viveu a infância e a adolescência. Ruas de paralelepípedos cheias de árvores, calçadas largas, casas antigas. De repente, um impulso fez João começar a se dirigir para lá, apesar de ele mesmo não perceber. A medida que se aprofundava em recordações, ia dobrando à direita, à esquerda, à direita de novo. Fazia o trajeto em direção a sua antiga rua.

Quando se deu conta, já estava no seu bairro favorito. Mas aí começou a sentir uma ansiedade intolerável, que aumentava a medida que se aproximava da sua antiga casa. Então, se deu conta de outra coisa. Lembrou-se que a casa que morava com sua mãe havia sido demolida e um prédio de quinze andares fora construído no local. Sabia bem disto, pois tinha estado lá muitas vezes – vira a demolição e acompanhara a construção. E agora, sem explicação alguma, estava indo para lá de novo. Mas o que mais o perturbava era aquela ansiedade estranha e a impossibilidade de definir aquela sensação.

Voltou a sentir aquele aperto no coração e, desta vez, achou que ia passar mal. Reduziu a velocidade com medo de perder o controle do carro. Sua boca estava seca. O desgosto dava sede.

## 9. In utero

O laboratório ficava em uma loja no térreo de um imenso prédio comercial. As paredes e a porta de vidro permitiam que se enxergasse da rua a recepção. Lá, havia duas fileiras de longarinas com assentos brancos no centro da sala, duas poltronas brancas em cada canto, um balcão branco bem em frente à entrada e um corredor branco que dava para não se sabia onde. Não havia ninguém. Hesitante, Elisa passou a porta e, de imediato, uma campainha automática soou. Uma moça de cabelos escuros e óculos de armação grossa vestindo um jaleco branco veio do corredor e parou atrás do balcão. Era uma overdose de branco para Elisa. Sua vontade era de fechar os olhos.

“Vocês fazem o teste de gravidez?”, perguntou Elisa.

A moça de óculos confirmou.

“E fica pronto na hora?”

Podiam conseguir para as quatro da tarde.

Elisa preencheu a ficha, sentou e aguardou. Observava as pessoas que passavam pela rua, sufocadas pela fúria do calor. Alguns devagar, outros com pressa, mas todos indo para o mesmo lugar vazio e sem sentido.

Logo, foi chamada. O corredor era cheio de portas. Atrás de cada uma delas, um pequeno consultório com uma maca, uma cadeira e uma pia com armarinho. Mais ao fundo, diante de uma das portas, uma mulher gorda com um sinal preto na testa, que vestia um jaleco igual ao da moça de óculos, esperava impassível. Ela sorriu e indicou a cadeira para Elisa, que sentou-se numa lenta resignação. E então, a mulher, com uma prancheta na mão, começou a fazer perguntas para ela.

“Teve a primeira menstruação com que idade?”

“Doze”, respondeu Elisa.

“Quanto tempo faz de sua última menstruação?”

“Dois meses”, respondeu ela.

“Tem filhos?”

“Não”, respondeu.

“Alguma gravidez antes?”

“Não”.

Elisa respondia aparentando indiferença, mas cada uma daquelas perguntas era uma dose de veneno para ela. Seu desejo era de não responder e, na verdade, sequer entendia porque a mulher estava fazendo aquelas perguntas cruéis.

A mulher colocou a prancheta sobre a maca e se aproximou de Elisa. Analisou seu braço, deu duas batidinhas com os dedos na veia e concordou com a cabeça. Em seguida, pegou um garrote de borracha que estava junto à pia e amarrou no braço de Elisa.

“Fecha a mão”.

Elisa apertou a mão. A mulher tirou do bolso do jaleco a seringa e a agulha esterilizadas. A veia do braço de Elisa saltava e estava roxa.

Numa hora dessas, não tinha como Elisa deixar de lembrar daquelas sessões de pó no motel com direito a pingo na veia. A camisinha fazendo as vezes de garrote. E essa era uma lembrança de arrepiar.

A mulher enfiou a grossa agulha na veia do braço de Elisa, e o sangue escuro e espesso encheu o êmbolo da seringa.

“Pode abrir a mão”.

A visão daquele sangue, por algum motivo, fez com que Elisa pensasse em seu próprio corpo por dentro. Em suas artérias e seu coração. Feito um microorganismo ela viajava em alta velocidade na sua corrente sanguínea. Com os olhos bem abertos ela finalmente chegou em seu magnífico e perfeito útero.

Quando saiu do laboratório, Elisa estava arrasada. Sua vontade era de apenas deitar em sua cama e dormir.

## 10. Curto-circuito

João havia se desviado do caminho. Tinha passado da clínica veterinária, na verdade. Que droga, já estava quase no centro da cidade! Só que agora a sede era incontrolável. Parou no Califórnia, o bar mais próximo. Estacionou debaixo de uma paineira que desafiava o sol, deixou as frestas dos vidros abertas e desceu do carro. Estava suado, nervoso. Achou que ia se sentir em paz após fumar, mas ficara agitado.

O bar estava vazio, exceto pelo atendente atrás do balcão. As mesas e cadeiras de metal, de cores diversas e patrocinadas por diferentes marcas de cerveja se espalhavam desorganizadas pelo recinto. Havia uma mesa de sinuca ao fundo e os ventiladores rangiam girando no teto. Suspenso na parede por um suporte metálico, um aparelho de televisão antigo passava um jogo de futebol qualquer. João se aproximou do balcão e pediu uma cerveja.

O atendente era um sujeito magro, nos seus vinte e poucos anos, usava um boné vermelho e uma camisa lilás e tinha tatuagens coloridas ao longo dos braços. Era conhecido por todos como Jack.

“Com esse calor tá bom pra beber uma gelada”, disse Jack com uma alegria espontânea.

“Sempre”, respondeu João com certa indiferença.

O atendente serviu a cerveja no copo de João. Estava animado pois aparecera alguém para beber. Naquela hora da tarde, numa segunda-feira, os clientes eram raros.

“Essa tá estúpida, mestre”, disse Jack, orgulhoso.

João virou o copo de uma vez só e fez um gesto de aprovação para Jack.

“Eu vou te dizer, meu rei”, prosseguiu o atendente, enquanto servia mais no copo para João. “Nunca tinha visto um calor assim em Porto Alegre”.

João concordou de leve.

O narrador do jogo anunciou um lance importante, o que chamou a atenção de Jack que passou a acompanhar a partida.

João ignorou a televisão e seguiu bebendo. Olhava para o copo.

“Acompanha os jogos, mano?”, perguntou Jack.

“Claro”, disse João.

Então uma garota linda e sensual entrou no bar, e a sensação foi de que a luz do ambiente mudou na mesma hora. Como se aquela mulher irradiasse uma luz própria.

Na verdade, era um reflexo do sol nas pontas claras do cabelo da moça e na blusa verde que ela usava , mas isso João não percebeu, preferindo acreditar na ilusão. Porém, não foi só a luz que se alterou. O cheiro também mudou– o perfume dela invadiu o ambiente sem qualquer pudor. A aparição da garota foi como um pico na veia.

“Oi, Jack”, disse ela. E se encaminhou com naturalidade ao fundo do bar, onde ficava a mesa de sinuca.

A garota acomodou as bolas numeradas com o triângulo e apanhou um taco na parede. A seguir, ajeitou a bola branca, inclinou-se e deu a primeira tacada.

João terminou de tomar sua cerveja olhando para ela, cuidando seus movimentos. Seu corpo movia-se como se estivesse acostumado a ser observado. Ela usava uma calça jeans apertada e tinha os cabelos morenos com pontas claras presos, ressaltando seu pescoço esguio. E que coisa mais linda aquele narizinho, pensou João. Não conseguia tirar os olhos dela. Ele a achou muito parecida com Ana. Então, sem a perder de vista, ele inclinou o corpo para trás, na direção do atendente.

“Qual é a da garota?”, perguntou.

Jack deu de ombros.

“Vem aqui de vez em quando jogar sinuca”.

João pediu outra cerveja e foi até lá.

“Quer jogar uma partida?”, disse ela.

“Claro”.

Ela disse a João que seu nome era Elisa.



## 11. O outro mundo

Elisa resolveu ir até o bar Califórnia, um boteco onde passava a maior parte de suas tardes jogando sinuca. Ela havia feito amizade com Jack que a deixava jogar sem pagar. Jack era um tipo tão simplório que Elisa não sentia vergonha alguma em seduzir em troca de pequenas vantagens. Ela achava até que era uma coisa bem inocente e que Jack se divertia com isso.

Havia um cara de meia idade usando uma camisa azul sentado junto ao balcão, conversando com Jack. Quando Elisa entrou no bar, o cara grudou os olhos nela, a boca meio aberta naquela expressão meio abobada que alguns homens ficam.

“Oi, Jack”, disse ela. E se encaminhou ao fundo do bar, onde ficava a mesa de sinuca.

Elisa acomodou as bolas numeradas com o triângulo e apanhou um taco na parede. A seguir, ajeitou a bola branca, inclinou-se e deu a primeira tacada.

Ela observava o cara junto ao balcão falando com Jack. Percebeu que falavam sobre ela. Pronto, já excitou outro homem, pensou. Não tinha paz com sua beleza e sensualidade às soltas. Então, sem se dar conta, já estava entretida em capturar um homem.

O sujeito tomou uma atitude, pegou uma cerveja e se aproximou.

“Quer jogar uma partida?”, disse Elisa.

“Claro”.

Ele disse a ela que seu nome era João.

Jogaram três partidas. Elisa jogava bem melhor do que João. Ela não queria pensar em nada. Ela venceu todas.

Então, João falou: “Quer uma carona pra algum lugar?”

“Não, obrigada, estou esperando um amigo”, mentiu Elisa.

Ele tomou o último gole da cerveja, guardou o taco na parede, deu dois passos em direção de Elisa e falou: “Tchau, gata. A gente se vê”.

“Claro”, disse ela. “Valeu pelo jogo e pela cerveja”.

O homem olhou na direção do balcão. Jack observava a tudo por debaixo do boné. O homem se aproximou ainda mais de Elisa. Ela sentiu seu hálito alcoólico.

“Tem certeza de que não quer dar uma voltinha?”

Elisa deu um passo para trás e disse não. O homem virou-se e foi embora.

Até que Elisa tinha gostado de João, era bem o tipo de cara que ela achava interessante – quarenta e poucos anos, barba por fazer. Lembrou muito a ela o professor aquele. Tinham mais ou menos o mesmo tipo físico, o mesmo jeito de falar. Enfim, ele parecia ser um cara legal, mas havia algo estranho, ela não sabia bem o que era. Seu jeito de segurar o taco, seus gestos, havia alguma coisa nele que a incomodou. Ela olhou para o balcão. Jack sorria para ela feito um depravado. Seus dentes tortos e pontudos lembravam um tubarão faminto.

Elisa queria ir embora dali, mas tinha que aguardar, pois não desejava encontrar-se com João na rua. Esperou, olhando para uma unha rachada na mão, pensando que tinha que fazer as mãos urgente. Foi um alívio quando escutou o som do motor do carro sendo ligado lá fora e o carro partindo. Ela guardou o taco no suporte na parede e se dirigiu à saída.

“Eu libero pra ti jogar sozinha”, disse Jack, com um tom de ressentimento quando ela passou por ele. “Se jogou com mais gente tem que pagar”.

“Devia ter cobrado dele”, respondeu Elisa. Deu um adeusinho com os dedos e partiu, deixando uma espécie de turbulência no ar.

E Jack ficou sozinho atrás do balcão. O que poderia fazer? Sair correndo e implorar para que ela voltasse? Vivia num mundo estragado, feio. Elisa pertencia a outro mundo. Ela era uma flor em meio ao concreto e significava o único elo de contato de Jack com esse universo. Um lugar onde as mulheres eram como Elisa. Porque quando tu vê uma mulher assim que nem ela, mano, a olho nu, assim na tua frente, tu percebe a diferença, mano, e nessas horas tem raiva de ter nascido pobre, pensou Jack, em meio a um acesso de ansiedade. Temia que Elisa não voltasse mais. Ficou com ciúmes ao vê-la toda assanhada para o cara. Se sentiu um otário e aí falou aquilo sem medir as consequências. Agora, o medo expulsara o orgulho de seu íntimo e se arrependera profundamente. As visitas de Elisa ao bar Califórnia eram as únicas alegrias de sua vida.

Um grito de gol surgiu na televisão. Jack aumentou o volume ao máximo e ficou escutando a narração.

## 12. A tatuagem gasta

Quando saiu de lá, no carro, João se sentia mais nervoso de que antes. Direcionou o ar-condicionado para o rosto rubro. O suor brotando como sangue, escorrendo. Respirava com força. Apesar de andar sem rumo nem pressa, de repente, enfiou a mão na buzina agressivamente para um motorista que trafegava devagar. Assustado, o sujeito colocou o carro para o lado cedendo a passagem. João acelerou já abrindo o vidro do carona e, ao ultrapassar, xingou o motorista de corno. O sinal fechou em seguida, e João afundou o pé no acelerador, passando no vermelho em meio ao buzinaço frenético de carros e motocicletas. Ficou mais irritado e nervoso do que antes. Estava aborrecido com o desfecho do episódio do bar. A garota parecia interessada, mas, na hora H, ele foi impiedosamente rejeitado. Se ele não estivesse como estava, deprimido, afundado em problemas, apostado que ela teria aceitado o convite, pensou. É assim, quando a gente não está bem isso transparece, em tudo. Todo mundo sabe disso. Por mais que na hora a euforia de um flerte tenha se sobressaído, no fundo do olho sempre fica a marca do desesperado. Feito uma tatuagem gasta. E quando você está com uma garota, tem de olhar no fundo dos olhos dela, e ela olha no fundo dos seus. Com certeza ela havia visto tudo enquanto jogavam. Deve ter percebido, até pelo jeito com que ele segurava o taco.

Que droga mesmo! João havia gostado tanto da garota. Nossa, e como ela era parecida com Ana! Tinham o mesmo jeito, a mesma graça. O mesmo gosto pela sinuca. E com certeza regulavam de idade. Se duvidar, talvez até se conhecessem, em se tratando de Porto Alegre. Era um golpe de sorte uma garota como Ana surgir na vida de um sujeito que nem João. Uma moça cheia de vida, bonita e inteligente, de boa família – morava com a mãe. Um sorriso fascinante e olhos que mudavam do verde para o azul conforme o clima. Vá saber porque se encantou por ele, fazia todas as suas vontades. Foi muito fácil para João se apaixonar por ela. Quando ele se deu conta, estavam se encontrando todos os dias da semana. E foi assim então que os finais de semanas viraram um tormento para ele. De repente, João se viu perdido em sua paixão por Ana. E nunca mais ficou à vontade em lugar algum. Mas isso já estava no passado, naquele momento, ele não se iludia, não havia mais paixão. Seus sentimentos eram como a água de um lago congelado. Tinha raiva ao concluir que sua

dependência de Ana se resumira a sexo. Precisava do corpo e da potência sexual dela, assim como um bebê precisa da teta da mãe. E ele via nos olhos dela um brilho que trazia uma esperança quase desesperada de viver uma vida plena ao lado dele. Algumas vezes, pareceu possível, só que, na maior parte do tempo, tudo soava como um delírio histérico para ele. Mas porque João não era sincero e dizia a ela que isso estava cada vez mais longe de acontecer, se perguntava, envergonhado e aflito. Talvez porque tinha receio de que Ana fizesse uma bobagem caso rompesse com ela. Qualquer coisa a desestabilizava, tinha ataques de fúria, surtos de violência. Jogava as coisas nele e nas paredes quando brigavam, ameaçava se suicidar e voltar para assombrá-lo depois de morta.

Havia uma cicatriz nas costas de Ana que acompanhava quase toda sua coluna. Quando era adolescente, caíra de uma sacada do segundo andar. Segundo ela, se recostou no parapeito que cedeu e então despencou, quebrando braço, tornozelo e fraturando a coluna em diversos lugares.

“Ninguém acredita que foi assim”, dizia ela, com tristeza.

Ele mesmo não acreditava.

Com aquela agonia toda transbordando, João pensou em recorrer de novo à maconha. Tal como um caubói que saca a arma, ele pegou no cinzeiro do carro a ponta que restara do baseado e, sem diminuir a marcha, acendeu-a. Deu um dois pegas, e então, uma brasa incandescente caiu no banco entre suas pernas. Em desespero, se debateu feito um louco, como se um marimbondo estivesse por ali prestes a cravar o ferrão em sua perna. O carro se desgovernou por um instante e acabou raspando com a roda no meio-fio. João freou brusco, assustado. Um carro passou por ele e buzinou.

“Porra!”, gritou João.

### 13. Rosas vermelhas

De volta ao Centro, o coração da cidade. A Rua da Praia, sua principal artéria, outrora teve seu glamour e agora vivia a decadência. As ruínas da cidade combinavam com as ruínas das pessoas.

Alguém viu uma nuvem no céu. Não, era só fumaça de um incêndio que esvoaçou por cima dos prédios.

O povo se aglomerava sob as marquises, como nos dias de chuva. O espaço de sombra era disputado palmo a palmo. As pessoas se atropelavam. Alguns homens se encostavam de propósito. Elisa não ligava. Cuidava apenas pra ninguém passar a mão no celular no bolso de trás da calça. Pesando feito um tijolo. O tempo todo a lembrá-la daquela sujeira. Desde a internação, Elisa sumiu do mundo virtual. Do mundo virtual, do mundo das festas, do mundo das drogas, Elisa se perguntava se restara algum mundo para ela viver. Já não percebia mais o sabor, não enxergava as cores, não sentia mais os abraços. Não se imaginava dizendo eu te amo para alguém.

De repente, Elisa percebeu na nuca o peso de um olhar que a acompanhava. Estava sendo observada, seguida. Diminuiu o passo, parou diante de uma vitrine de uma loja de informática e viu que um tipo vestindo camiseta preta parou mais atrás. Seguiu caminhando. Não era um perseguidor qualquer. Elisa percebeu uma vibração diferente, não sabia bem definir, mas que não despertava medo, era mais uma curiosidade. Entrou numa grande loja de departamentos. O sujeito entrou atrás dela. Conseguiu o observar melhor através de um espelho. Tratava-se de um adolescente, bem estilo filhinho da mamãe. Devia ter dezesseis, dezessete anos no máximo. Não parecia nada ameaçador. Ficou mais intrigada ainda. Resolveu tomar uma atitude. Sumiu sorradeira por trás de uma coluna e ficou parada, esperando. Quando o garoto surgiu, deu de cara com ela.

“Ei, moleque”, disse ela de chofre. “Tá me seguindo?”

O garoto ficou confuso, fora pego desprevenido.

“Não, não. Tô de passagem”, disse. E virou de costas para ela, com a intenção de cair fora dali. Elisa o segurou pela camiseta, que se esgarçou quase a ponto de rasgar. Percebendo que Elisa não iria soltar sua camiseta, o rapaz desistiu de fugir.

“O que um moleque que nem tu quer atrás de mulher na rua?”, intimou ela.

“É que...”, ele hesitou, ela o fuzilava com o olhar. “... tu é linda”, disse, por fim.

Elisa abriu um sorriso que desmanchou seu ar de gravidade. Dos elogios, o que mais a lisonjeava. Ela soltou a camiseta do rapaz.

“Tu me assustou”, disse ele, desamassando a camiseta amarrotada.

“Então vou te ensinar uma coisa, bebê”, disse Elisa, num tom professoral. “Se tu vai atrás de uma mulher, tu tem que tá pronto pra tudo”.

“Tá bem, vou anotar essa”, disse o garoto espirituoso.

Elisa deu tchau para ele e seguiu com sua peregrinação sem causa.

Andando ao seu lado, o garoto passou a acompanhá-la.

“Vai continuar me seguindo?”

“Não, agora eu vou caminhar do teu lado”.

O garoto era ligeiro.

“Qual teu signo?”, perguntou ele. “Deixa eu adivinhar...”, disse com esperteza.

“Sou católica, não acredito em horóscopo”, disse ela, cortando a onda.

“Católica? Não parece”, seguiu o garoto. “Tu é tão descolada. As católicas são mais caretas”, disse.

O garoto era bom de papo.

Elisa explicou que na verdade se considerava católica não praticante, já fora ateia, mas, de uns tempos pra cá, começara a acreditar em Deus novamente.

O jovem a convidou para irem até uma igrejinha que tinha ali na Rua da Praia. Disse a ela que se chamava Pedro.

“Sou batizado católico, mas não tenho nenhuma religião. Porém, não sou ateu”.

“Então, tu criou teu próprio Deus?”.

“Mais ou menos isso”.

“E qual é essa religião? O Evangelho dos Garotos Virgens?”

Ela riu. Pedro poderia ter se ofendido, mas preferiu rir. Elisa deu um soco na barriga do garoto que se curvou e continuou rindo junto com ela.

“Vai ver o cometa aonde?”, disse Pedro, procurando não perder a graça.

“Que cometa, bebê?”

“Como não tá sabendo? Todo mundo tá sabendo do cometa”.

“É que eu não faço parte desse mundo”.

“Vai passar um cometa hoje a noite pela terra. Dizem que é o mesmo que passou quando Jesus Cristo nasceu”.

“A estrela guia”, disse Elisa, meio desvairada.

“Muitos dizem que hoje o mundo acaba”.

“Quem disse isso?”

“Sei lá. Os profetas”.

“Pois esses profetas não sabem de nada”, disse Elisa, muito séria. “O mundo não pode acabar hoje”.

“Mas por que não?”, disse Pedro. “Agora tem que ter data marcada pra terminar o mundo?”

Elisa não soube responder. Nem ela mesma sabia porque estava se apegando tanto ao mundo.

Ela achou estranho uma igreja assim, encravada no meio dos prédios. Era uma igreja anglicana, a Catedral Anglicana da Santíssima Trindade. Elisa adorou o nome e se encantou com a igreja. Pena que alguns vitrais tinham sido vandalizados.

Elisa havia estudado em colégio de freiras. Apesar de não ser exatamente um bom exemplo de aluna cristã, ela convivera com aquilo e sabia bem como era. Conhecia aquele mistério. O duelo de Deus e o diabo, e o coração humano como campo de batalha. Havia quanto tempo que Elisa não rezava. Se achava esperta demais para isso. Anos atrás, a semente da descrença se instalara, e ela preferiu viver sua vida longe da baboseira de culpa e expiação. Mas era mera ilusão. Mesmo sem crença, aqueles continuavam sendo seus valores. Apesar de tudo, em seu íntimo, alguma coisa daquilo ainda dizia para ela o que era o bem e o mal. Por mais que ela negasse, muito do discernimento que tinha sobre o certo e o errado vinha dali.

Ajoelhou-se no primeiro banco, e olhou compenetrada para o altar – o Cristo entalhado na madeira sofria na cruz. Próximo à entrada, Pedro a observava atento.

Por um instante, quase que num delírio, associou a imagem na cruz com uma ilustração do aparelho reprodutor feminino que havia visto uns dias atrás – flores saindo pelo útero e sobre o desenho a inscrição “órgão celestial”.

Pareceu a ela que era uma boa oportunidade para pedir algo a Deus. Então Elisa rezou. Lembrava de cor o Pai Nosso e a Ave Maria, sabia como rezar. Pediu, suplicou, implorou para Deus para que não estivesse grávida. Ela rezou muito.

Um som de aviso de mensagem soou bem na hora em que ela terminava de fazer o último sinal da cruz. O rapaz estava fora da nave, no átrio. Ele tirou o celular do bolso e leu a mensagem. Curiosa, Elisa foi até lá.

“Vou ter que ir”, disse Pedro, guardando o aparelho.

“Namorada?”

“Não. Minha mãe”.

No rosto de Elisa surgiu uma expressão de doce e luminosa surpresa. Ela percebeu tudo sobre o garoto. Disse então que ele tinha que dizer a verdade, pois estavam em uma igreja.

“Já beijou na boca?”, perguntou com o rosto bem próximo ao dele.

Pedro hesitou, em dúvida sobre como deveria responder, mas essa hesitação era a resposta que Elisa queria. Aproximou seu rosto ainda mais dele e beijou seus lábios. E foi um longo beijo.

“Espera aqui!”, disse Pedro.

Ele fez menção de sair correndo, mas refugou e aplicou outro beijo na boca de Elisa. Desta vez bem curto.

“Não sai daqui!”, disse.

Pedro saiu correndo feito um louco, atravessando na frente dos carros que arrancavam. Dobrou a esquina e Elisa perdeu o de vista, mesmo assim, ficou parada esperando. Que guri doido!

Em seguida ele apareceu de volta na esquina, vinha com um braço para trás, escondendo alguma coisa. De novo foi imprudente diante dos carros e logo parou ofegante diante dela. Ele a beijou rápido na boca outra vez. Elisa riu.

“Olha!”, disse ele. “Pra tu não esquecer de mim”.

E entregou a ela um buque de rosas vermelhas. Não era grande coisa o buquê, umas três ou quatro rosas e meia dúzia de galhos verdes, mas Elisa ficou encantada. Ela puxou o garoto para junto de si e se beijaram, desta vez, do jeito que um casal apaixonado se beija.

“E tu? Vai esquecer de mim?”, perguntou ela.

“Nunca”, disse o garoto. “Nem em um milhão de anos”.

E foi embora em passinhos alegres pela rua.

Elisa nunca havia recebido flores antes.

Já Pedro ficou apaixonado pela primeira vez em sua vida, mas não esperava vê-la de novo, pois era jovem, seu amor exigia pouca expectativa e pouco desejo.



## 14. O nocaute

João resolveu ir até o apartamento de Ana. O horário dela na fábrica era até as três. Esta hora já deveria ter chegado em casa, e, além do mais, João estava próximo mesmo. Parou na venda da esquina para comprar um chiclete.

Havia um velho com um mata-moscas na mão sentado em frente ao armazém, entre as caixas de frutas. O sol fustigava o asfalto, levantando uma lâmina de calor que embaçava o chão.

João analisou o furo que a brasa havia deixado no banco do carro. Mais um, entre tantos. Era vergonhoso. Resignado, desceu do carro e entrou no armazém. Foi direto até o caixa. Havia um sujeito alto vestindo um terno de linho diante do caixa. Aguardou atrás dele enquanto o homem comprava um maço de cigarros. Quando o sujeito se virou, que surpresa foi para os dois. O fumante era Alexandre, um velho amigo de João da turma da adolescência ali do bairro.

“Como tá, João, como vai a Lívia? E as crianças?”, perguntou Alexandre em meio a um sorriso.

“Bem, bem”, respondeu João. “E os teus?”

“Tudo ótimo, graças a Deus”, disse Alexandre. “Ainda treinando boxe?”, perguntou, efusivo, dando tapinhas no ombro de João.

“Não, parei faz tempo”, respondeu João, bem mais contido que o amigo.

Fazia oito anos que não praticava. Sempre pensava em voltar aos treinos, mas acabava adiando. Nessas alturas da vida, tinha consciência de que abandonara o boxe em definitivo, assim como qualquer outro esporte.

“Também faz tempo que a gente não fala”, prosseguiu Alexandre. “E o trabalho na fábrica?”

“Tudo certo”, mentiu João. “E os negócios?”

“Muito bom”, respondeu um Alexandre sorridente. “Tá morando por aqui?”

“Não, não. Só de passagem mesmo”.

“Porque esses dias eu passei de carro e te vi atravessando a rua mais ali em baixo”, seguiu Alexandre. Ele estava empolgado com o reencontro. “Eu até dei uma buzina. Não lembra?”

“Ah, sim”, disse João com um ar de alívio. “Então era tu. Fiquei bolado, não consegui ver quem era”.

“Não”. Alexandre riu. “Pode ficar tranquilo”.

“Ufa!”, disse João, fazendo um gesto teatral de quem limpa o suor da testa.

Os amigos deram uma boa risada juntos.

“Pô, e aquela história do Beltrão, hein?” Alexandre, mudou de expressão, um tom de gravidade.

“Que história?”

“Ah, tu não tá sabendo?”, duvidou Alexandre.

João apertou os lábios e balançou a cabeça como quem não tem a mínima ideia.

“Cara, o Beltrão se matou, deu um tiro na boca”.

Aquela sentença foi um golpe no fígado.

“Tu não viu no Facebook?”, prosseguiu Alexandre. “O pessoal só falava daquilo”.

“É que eu saí do feice”.

João havia abandonado o Facebook e as demais redes sociais há algum tempo. E a razão principal para sumir do mundo virtual chamava-se Ana. João tinha um ciúme doentio por ela e recriminava seu comportamento. A garota sempre a postar fotos provocantes. Por vezes, na concepção de João, vulgares. Ele imaginava toda espécie de traições. Aquilo se transformou em um verdadeiro inferno. João impôs uma restrição de horário para Ana utilizar as redes sociais. A garota fingia concordar mas, de repente, tarde da noite, lá estava Ana de novo. Enfim, ele não tinha mais paz. Súbito, numa madrugada insone, como um homem que abandona a civilização e vai viver na natureza, ele disse: “Larguei!” e se desconectou de tudo e nunca mais voltou.

Alexandre nem gostava de falar daquele assunto, mas seus olhos brilharam de vontade de contar a história do suicídio.

“Tu sabe que o Beltrão tava morando lá naquela cidade, lá no interior do Paraná. Pois é, acontece que o filho da puta tinha arrumado uma amante. Só que a mulher essa dava pra outros caras também, não dava só pra ele e ele não admitia, tinha ciúmes. Daí um dia, enlouquecido, ele pegou um revólver e foi lá na casa da mulher, pra matar ela. Ele deu três tiros na mulher e depois se deu um tiro na boca”.

João sentiu um gosto de barro na garganta. Havia um cheiro de peixe no ambiente.

“E, no fim, a mulher não morreu”, prosseguiu Alexandre. “Capaz de processar a família dele ainda”.

“Porra, e o cara jogava bola com a gente”, disse João.

“É impressionante como alguém pode colocar a vida fora. E ainda levar os outros de arrasto”.

A história nocauteou João, mas a conclusão de Alexandre foi como um último sopapo em seu rosto.

“Tu não tá no nosso grupo, né?”, perguntou Alexandre, não percebendo em absoluto o tumulto que se formara na mente de seu amigo.

“Grupo?”, perguntou João.

“Do Whats”.

Não, João andava meio fora das mídias. Alexandre disse que iria adicioná-lo. João concordou e Alexandre partiu.

Um mini ventilador estava direcionado direto para o rosto da mulher atrás da caixa registradora. Mesmo assim, o suor escorria por sua testa avermelhada e pingava nos óculos de armação preta.

Enquanto comprava seu chiclete João ficou tentando assimilar os golpes, mas a sensação era de que mais uma saraivada ainda estava por vir. Aquelas alturas, ele já não era nada. Havia jogado fora as últimas coisas que conseguira. Deus sabia como gostaria de ser o cara confiante de outrora, mas não restara nada mais do que um fiapo daquele homem, que, em breve, se esfacelaria.

A história do suicídio de Beltrão dizia muito para ele. Uma luz vermelha se acendera, mas, pelo jeito, só vinha para se confundir com outras tantas luzes de alerta que acendiam e apagavam o tempo todo e que João teimava em ignorar. Não que fosse se matar ou algo do gênero. Se achava tão medroso que nem para isso teria coragem. O jeito era esperar a morte. E no caso dele, tinha certeza, viria bem devagar. Era como se estivesse com uma corda apertando seu pescoço mas sem poder morrer nunca. Sendo obrigado a continuar para sempre o desfile macabro de sua vida.

## 15. A notícia de morte e o presente de aniversário

Um cachorro magro esgueirava-se nas sombras dos prédios, uma velha andava encolhida sob a sombra aguda da sombrinha amarela. Lá adiante, alguns moleques arriscavam um mergulho no lago, mesmo de águas impróprias para o banho.

Protegida debaixo de uma marquise, Elisa parou em frente ao prédio onde ficava o laboratório e acendeu um cigarro. Podia ver, através das grandes janelas de vidro, as duas funcionárias do laboratório, com seus jalecos brancos, sentadas atrás do balcão. Fumava com ansiedade, sua perna tremia. Tinha de ir embora dali, daquela cidade. Quem sabe voltar para Florianópolis? Ao menos lá havia as praias, e Elisa adorava o mar, as ondas, o clima praiano. Agora se via enfurnada em Porto Alegre em pleno verão, sufocando em cada respirada daquele ar cáustico que descia ardendo por suas vias respiratórias, divagou, em meio a uma tragada. Podia voltar para a faculdade, reencontrar com o professor, talvez. Quem sabe com ele não daria certo? Para os que nada sabiam da sua vida, linda como sempre, tudo indo as mil maravilhas. Quem visse de fora poderia achar que vivia no céu. Mas se olhasse bem, perceberia que este céu era na verdade um deserto vermelho onde se perdia, ou quem sabe um precipício vertiginoso onde caía. Enfim, era um daqueles lugares onde pedimos ajuda, mas ninguém escuta.

Queria apenas terminar o cigarro. Cinco minutos, o tempo exato de fumar um cigarro. Sem pressa, nem demora.

Um sujeito parou ao lado dela e começou a se insinuar. Incomodada, Elisa girou o corpo para o outro lado, dando as costas para ele. Ela podia sentir o cheiro azedo do suor do homem. Em passos indecisos, ele a circundou e parou a sua frente.

“Tem um cigarro?”, disse o sujeito. Os dentes eram amarelos e quebrados, o hálito azedo de quem não come faz tempo.

Elisa tirou um cigarro da carteira, entregou ao homem e acendeu para ele.

“Obrigado, moça. Deus lhe pague”, falou. E saiu caminhando lento, soltando fumaça debaixo do sol brutal.

Elisa fumou seu cigarro até o final, jogou o toco no chão e com a sola do tamanco o esmagou feito um inseto.

A praça ficava em frente ao laboratório, do outro lado da rua. Elisa vislumbrou um banco coberto pela sombra das árvores, foi até lá e sentou-se com o envelope em suas mãos. Olhava para a copa das árvores, na esperança de quem sabe ver algum pássaro ou borboleta. Mas o calor era tanto que havia espantado todos os seres vivos. Suas mãos manuseavam o envelope, aparentemente em algum reflexo pensativo das próprias mãos. Elisa nem sabia porque esperava tanto para abri-lo, pois tinha certeza da resposta. Ah, e como ela gostaria de estar errada.

O sino da catedral começou a tocar, Elisa abriu o envelope e ali estava o resultado.

Grávida, muito grávida.

Elisa não conseguia definir bem aquele momento. Se por um lado sentia-se como quem recebe uma notícia de morte (e a palavra morte a incomodou como nunca quando pensou nela), por outro, sentia-se como quem ganha um presente de aniversário. Olhou para o buquê de flores nas suas mãos e teve a impressão de que as rosas já estavam mais murchas.

Dobrou o envelope, guardou-o na bolsa e saiu sem rumo. Nem havia dado três ou quatro passos e, de repente, veio o pensamento de que não queria aquela criança. Teve até ódio do que carregava no ventre. Decidiu naquele instante que ia tirar, não podia ter um filho naquela altura da vida. Não aquele filho. Afinal de contas, o corpo era dela, a decisão era dela e ninguém tinha nada que ver com isso. E foi aí que lembrou de sua amiga Sara. Sara tinha a sua idade, estudaram juntas no Bom Conselho, o colégio de freiras. Aos dezessete anos, Sara engravidou de um namoradinho. E quem levou Sara na clínica de aborto? E lá foi tão rápido, tão simples. Só que, alguma coisa estranha brotou em Sara, como a marca da picada de um bicho. Sara ficou diferente. Sempre fora faceira e animada, mas parece que depois daquilo se tornara uma pessoa ainda mais amável e contente, distribuindo coraçõezinhos para cá e para lá. Para ela, tudo era amor, tudo era lindo. E então, de alguma forma, para quem a conhecia bem, o que era o caso de Elisa, toda aquela alegria soava falsa, como se fosse uma espécie de encenação. Neste momento, finalmente Elisa entendeu o porque daquela farsa de felicidade de sua amiga Sara. E então foi como se houvesse uma parada no tempo, e num átimo de extrema lucidez, Elisa sentiu como se tivesse desgraçado sua vida de uma vez por todas.

## 16. Coisas ruins vêm todas de uma vez

O prédio onde Ana morava com sua mãe ficava numa zona nobre da cidade, num bairro arborizado e antigo. A garota havia dado a chave do portão do prédio para ele, pois sentia preguiça de descer e subir toda vez que João chegava, e amargura toda vez que ele partia.

João convivia com a mãe de Ana, que o tratava como namorado legítimo da filha, mesmo sabendo se tratar de um homem casado. Por vezes jantavam juntos, os três. A presença da mãe em nada inibia a filha - João e Ana transavam diariamente no quarto, por vezes aos berros, e a garota pouco se importava com o fato da mãe estar na sala ao lado assistindo televisão.

João entrou no prédio e chamou o elevador. Estava impaciente. Por vezes, culpava Ana pela desgraça de sua vida. Todo aquele joguinho de sedução havia dado no que deu, e ainda justo naquele momento. Parece que as coisas ruins vêm todas de uma vez só. Então, por nada, João tratava Ana com desprezo e arrogância. Mas ele sabia em seu íntimo que não podia responsabilizar ninguém pelo que fazia de sua própria vida.

O elevador parecia estar parado no quarto andar. João bateu três vezes com o punho na porta de madeira maciça. O barulho das batidas ecoou pelo poço. O elevador permaneceu parado. Impaciente, João decidiu ir pela escada. Eram cinco andares. Subiu pulando de dois em dois degraus. Quando chegou diante da porta do apartamento de Ana, parou para tomar fôlego. Quase todas as vezes que ia se encontrar com ela, João conjecturava se aquilo não era uma armadilha preparada pelo destino. Mas, naquele instante, enquanto buscava ar, perguntou-se se um homem como ele sequer tinha destino.

Apertou a campainha três vezes, era seu código. Podia ouvir os passos de Ana se aproximando da porta.

“Quem é?”, perguntou ela.

“Sou eu”, disse João.

Ela abriu a porta, olhou em seus olhos e sorriu. E o brilho daquele sorriso podia desmontar qualquer um.

Os dois se beijaram e João puxou o corpo de Ana para junto do seu.

“Vamos sentar aqui no sofá, amor.” Ela o pegou suavemente pela mão e o conduziu.

João reparou na roupa jogada no chão, os pratos sujos sobre a mesa. A bagunça do apartamento de Ana, contrastando com a organização de Livia, irritava João.

Ana sentou-se ao lado dele no sofá, enlaçou as mãos em volta de seu pescoço e disse: “Quer um café? Uma cerveja? Como foi lá com o Leo?”.

“Não fui ainda”, disse ele. “Não tô legal. Me abraça”.

Ana puxou a cabeça de João para junto do peito.

“Vamos para o quarto, amor”, propôs ela. “Dá uma gozadinha e vai te sentir melhor”.

“Porra, Ana, é sério”, disse ele, aborrecido. “Parece que o mundo vai desabar”.

Ela apertou ainda mais a cabeça dele junto ao peito e tocou os cabelos com os dedos. “Não pensa em nada, amor”, disse. “Estou aqui contigo”.

O desastre de João como pessoa gerava em Ana uma estranha inversão, fazendo com que, por afeto, ela tentasse reparar seu fracasso. Mal sabia a moça que o conserto estava nele e em mais ninguém, mas que a essa altura da vida parecia já não ter mais jeito, havia entortado de tal modo que, numa tentativa de endireitar, ia acabar se partindo.

Então os dedos de Ana, com um gesto preciso, seguraram um fio branco desgarrado na cabeça de João.

“O que está fazendo?”, perguntou ele.

“Nada”, respondeu ela. “Fica paradinho aí”. E com um movimento brusco arrancou o fio de cabelo da cabeça.

João reclamou e Ana mostrou o fio para ele.

“Olha”, disse ela, “um enorme de um cabelo branco”.

Os dois se olharam nos olhos e ela sorriu.

“Vamos pro quarto então”, disse ele.

## 17. A menina das fotografias

Mesmo com todo aquele calor, as ruas do centro da cidade seguiam apinhadas de gente.

Olhando de cima, as pessoas pareciam insetos se movendo para lá e para cá sob o sol. E Elisa era um daqueles insetos.

Ela caminhava lentamente no meio da multidão. Os olhos desfocados por seus pensamentos. Alguns, mais apressados, chegavam a empurrá-la. Ela lembrou do quanto odiava pessoas que andavam devagar pela rua. E hoje a lerda era ela.

A verdade era que Elisa estava cansada de dar trabalho as pessoas, andar, andar e não sair do lugar. Um ciclo maldito que vinha se repetindo.

Parecia que estava carregando o peso do mundo no peito. Quando as pessoas diziam, seja feliz, você tem uma ótima vida, isso fazia ela se achar um lixo, porque tinha consciência daquilo. Até então, não havia do que reclamar, sempre fora a fofa do papai, a linda da mamãe, o docinho da vovó, enfim, Elisa sempre tivera tudo. E quantas pessoas não dariam a vida para ter só um pouquinho do que ela tinha?

Mas então, de repente, Elisa deixou de ser aquela menina mimada, virou mulher e o que aconteceu foi que começou a sentir cada vez mais a falta de si mesma, da pessoa que ela sempre fora e que agora, inclusive, parece que até desconhecia, perdera toda a intimidade. Era como se seu rosto houvesse sumido. E como superar o apagamento do próprio rosto? Seu corpo também tinha desaparecido, restara só a sombra. E essa sombra que havia se transformado, não concordava mais com ela mesma. Não se reconhecia nem mesmo em seus silêncios.

Ficara ao sabor do vento, deixando as coisas a levarem. Perdeu tempo e sabia que o tempo não perdoava. Quando o alarme disparou, e ela acordou no meio da vida, não fazia ideia de quem era ou o que queria.

Um louco gritava no meio da rua que o meteoro se aproximava, o fim do mundo estava chegando, ainda havia tempo de se arrepender. A ideia do mundo acabar assustava Elisa. Era a segunda vez que escutava isso naquele dia. Teve um mau pressentimento, a visão do cometa assustador, percorrendo um espaço ensanguentado.

Ela entrou numa galeria. Caminhava sem rumo, olhando as vitrines. Em um canto, havia uma dessas cabines de tirar foto. Parou em frente a cabine e pensou em tirar uma foto do tipo para registrar o momento. Ria da própria desgraça. Lembrou do



dia em que saiu da clínica e, em casa, deitada na cama, olhou seus antigos álbuns de fotografia, que fazia muito tempo não via.

Elisa ainda bebê. Elisa já criança, sempre linda e contente. Elisa mais mocinha, fazendo poses irreverentes. Havia beleza até quando estava com um leve ar de aborrecimento olhando para o fotógrafo.

Fotos simples, caseiras, que mostravam um mundo pleno, cheio de vida. Ela, Nara, sua mãe e seu pai. Mas, estranho, as imagens a acompanhavam até os seus quinze anos. A partir de então, não havia mais fotos de Elisa, como se aquela menina que fazia as poses tivesse morrido. Em que momento se perdeu a menina das fotografias? Onde ela foi parar?

A sombra da memória escureceu sua face. Lembrou de seu pai. Fazia uns nove anos que não se falavam. E ele morava perto até, numa cidade vizinha, trabalhava no hospital. Mas algo a impedia de pensar no pai de uma maneira afetuosa. Sentia falta dele, verdade, mas não tinha vontade de encontrá-lo.

Há alguns anos, Elisa e Nara seguiram seu pai e descobriram que ele estava tendo um caso com um outro homem. Nara começou a chantagear o pai, exigindo presentes e dinheiro. Ela dava uma parte para Elisa para que ficasse calada. Elisa não aguentou a pressão e acabou contando tudo para sua mãe. Sua mãe mandou que ela calasse a boca e cuidasse de sua vida.

O telefone tocou, o telefone de Nara. Quando Elisa viu o nome e a foto de Fred no visor sentiu um calor nas mãos e no rosto e junto veio a ânsia e ela vomitou ao lado da cabine de fotografias.

Indiferente, o telefone insistia, e então ela atendeu.

“Cadê a Nara?”, perguntou Fred.

“Ela está no banho”.

“Morreu um cara aqui, na Assembléia”, disse Fred. “Aqui no nosso escritório.”

“Morreu, é?”.

“Pois é”, prosseguiu Fred. “Ataque cardíaco. Caiu duro. Avisa a Nara que eu to indo pra casa, o deputado dispensou todo mundo.”

“Pode deixar que eu aviso”, disse Elisa com um clarão nos olhos, e desligou o telefone.

## 18. Consternado e indiferente ao mesmo tempo

Ana cochilava docemente com a cabeça recostada no peito de João.

De repente, João lembrou da cachorra.

“A cachorra”, gritou e levantou às pressas da cama, num salto.

À beira do pânico, ele colocou as calças: “Esqueci a cachorra no carro, meu Deus!”

No elevador, João transpirava e seu suor exsudava um cheiro azedo e putrefato. Já esperava o pior. Ana agiu com toda a rapidez e preocupação que a situação exigia, mas, naquele instante, estava diante do espelho a ajeitar o cabelo - derramava uma mecha sobre o rosto a fim de tentar cobrir umas espinhas vermelhas. Aquela atitude irritou João, ele via inutilidade o tempo todo na garota.

Quando chegaram ao carro, as expectativas de João se confirmaram. A cachorra estava morta, língua de fora, olhos saltados, patas esticadas, vômito espalhado pelo banco. Morreu asfixiada, sufocada, quem sabe? João sabia apenas que a culpa era dele. Dele e de mais ninguém. Sua alma se transformara em um coágulo de sangue negro. Num lampejo, percebeu a que ponto havia chegado sua indiferença. Veio então aquele desejo cego de fazer o tempo voltar, uma hora, que fosse.

Ana estava alterada, não sabia como reagir, tentava se recuperar do seu terror. Olhou para Edna com pesar, aproximou-se e alisou entristecida o pelo úmido no topo da cabeça da cadela morta.

“Tadinha”, disse e se abraçou em João.

A vontade de João foi de se encolher, encolher, até sumir. Não tinha mais controle sobre nada. Ele então teve uma pequena crise de choro nos braços de Ana.

Sua emoção era teatral e sincera ao mesmo tempo. Havia uma consternação verdadeira, mas havia também uma indiferença brutal. No fundo era como se fosse uma grande representação e o mergulho na personagem fora tão potente que ele já estava acreditando em tudo.

Ana beijou seu rosto, lambeu suas lágrimas.

“Tá tudo errado”, disse ele. “Tudo”.

“Não, meu bem”. Ela falava quase num sussurro junto a seu ao ouvido. “Não fala isso”.

Com os olhos fixos, João mirava por cima da cabeça de Ana. Seu rosto mostrava quase pavor.

Soltou-se devagar do abraço e olhou nervoso para os lados. Alguns passantes acompanhavam a cena. Sua expressão mudou, parecia desconfiado. Numa inquietação súbita, segurou Ana pelos ombros e a encarou com um olhar febril.

“Não conta isso pra ninguém, gata”, disse num sussurro envergonhado. “Ninguém pode ficar sabendo”.

Os olhos de Ana se agitaram. Estavam verdes.

“As pessoas vão achar que eu sou um monstro”.

Que tipo de monstro deixaria um animal preso dentro de um carro para tostar no sol até morrer?

Percebeu que tinha que ir embora dali o mais rápido possível. Debruçou a cabeça na janela do carro e olhou lá para dentro. Sua visão vagou pelo interior do carro observado os detalhes de sua catástrofe. Ao ver que havia vômito e fezes mudou seu estado de espírito outra vez. Era puro desânimo agora.

“Jesus, tenho que limpar essa bagunça”, disse ele.

Agitada, Ana conferiu o relógio.

“Mas e o Léo?”, disse ela nervosa. “Já são cinco e meia. Não vai dar tempo”.

Quando ela falou em Léo foi como se um detonador de animosidade acionasse dentro da cabeça de João.

“Pois agora acho que seu amiguinho vai ter que esperar”, respondeu ele, ríspido.

“Esperar? Ele já esperou demais, João”.

“Quer que eu vá na entrevista com o cadáver da cachorra no carro?”

“Eu não tenho mais cara pra falar com ele”.

“Então não fala”, disse ele. “Não quero. Não gosto daquele merda”, disse. “Não ia dar certo mesmo”.

“Só quero te ajudar, amor”, disse Ana, quase às lágrimas.

“Não preciso da tua ajuda”, respondeu João.

Parecia que não tinha consciência do que estava dizendo, talvez nem do que estava acontecendo. Quando Ana virou-se chorando e saiu correndo para dentro do prédio, João não se alterou.

Dentro do carro, no banco de trás, moscas pousavam no corpo de Edna.

## 19. Flores despedaçadas

Havia chegado a hora de enfrentar Fred, o desgraçado que a havia estuprado e engravidado. Elisa se sentia forte para encará-lo. Aquilo não ia ficar assim, ah, não ia. Fred ia pagar caro pelo que havia feito a ela. Elisa queria vê-lo atrás das grades. Esse era o lugar para um tipo como Fred e era para lá que ele iria se dependesse de Elisa. Estava determinada a levar tudo às últimas consequências.

Elisa chegou ao prédio onde moravam, entrou no elevador e premiu o botão do décimo - terceiro andar. A porta fechou e o elevador começou a subir. Elisa olhava para o marcador luminoso dos andares. Cada número que passava a fazia lembrar com aflição da menina loira que a encarara mais cedo.

Então, no oitavo andar o elevador parou e a porta se abriu.

E lá estavam elas, mãe e filha. Com seus cabelos loiros impecáveis e as mãos dadas. O olhar inquisidor da menina bateu com o olhar acuado de Elisa.

“Desce?”, perguntou a mãe.

“Não...”, respondeu Elisa, confusa. “Sobe”.

A mulher e a criança permaneceram paradas, em frente ao elevador. A menina o tempo todo encarando Elisa.

Houve uma dilatação do tempo, até que a porta automática se moveu rompendo o silêncio. No instante em que a porta se fechava, a menina desviou o olhar para o buquê de rosas de Elisa e um sorriso surgiu em seu rosto impassível.

O elevador voltou a subir e um calafrio percorreu a espinha de Elisa. Ela ficou se perguntando se aquelas duas, mãe e filha, não eram uma assombração. Esse pensamento a encheu de medo e ela tornou a premer o botão do décimo terceiro andar, mas desta vez apertou umas quatro ou cinco vezes seguidas.

Elisa saiu do elevador agitada, andou rápida pelo corredor, seus passos ecoando. Parou em frente à porta do apartamento e lembrou que sua irmã estava lá, com um outro homem e novamente sentiu a ânsia, mas desta vez controlou o vômito. Apertou o buque de rosas com as duas mãos, como se tentasse estrangular os ramos.

E então, Elisa foi sentando-se devagar no chão, em frente à porta do apartamento, as mãos rubras afrouxando aos poucos.

Recostou-se na parede e ficou imóvel como uma lagartixa. As luzes do corredor se apagaram.

O elevador parou no décimo - terceiro. A porta abriu e a luz do corredor acendeu. Quando Fred surgiu e deu de cara com Elisa, de imediato mudou sua fisionomia, agindo como quem antevê um problema.

Elisa levantou-se determinada e caminhou dois ou três passos em sua direção. Por entre os cabelos que ocultavam seu rosto, os olhos brilhavam como de um bicho. Fred seguiu se aproximando cauteloso.

“Preciso falar contigo!”, disse Elisa.

“O que foi?”, perguntou ele.

“Eu tô grávida!”

Fred ficou em silêncio, como que pensando em o que falar. Nenhuma expressão no rosto que o denunciasse.

“Isso é ótimo”, disse, por fim. “Parabéns”.

Havia um sorriso afetuoso em seu rosto que não combinava em absoluto. Foi a vez de Elisa ficar em silêncio.

“É ótimo, não é?”, perguntou Fred, já desmanchando parte do sorriso.

Elisa apertou os olhos de raiva. Fred engoliu seco.

“E quem é o pai?”, perguntou ele, se esforçando para fazer ar de inocente.

Elisa crispou as mãos – uma delas segurando o buquê.

“Tu não sabe quem é o pai?”

Fred deu um passo para trás.

“É tu o pai, seu filho da puta!”, disse Elisa, com raiva.

“Não, eu não”, negou Fred. “Tu dá pra qualquer um, Elisa. Não vai querer me aplicar essa agora.”

O ódio espumou na boca de Elisa.

“Seu merda! Tu é um lixo! Tu me estuprou, seu filho da puta!”

“Fala baixo!”, disse Fred, olhando para os lados

“Fala baixo, o caralho!”, respondeu ela, falando mais alto ainda. “Tu me drogou e depois me violentou.”

“Tu não tem provas disso, Elisa”.

“Tenho provas sim”, disse ela. “O bebê que estou carregando é a prova.”

Fred olhou para a barriga de Elisa com desprezo.

“Esse filho pode ser de muita gente”.

Elisa enfiou mão e flores na cara de Fred. Deu dois, três socos acertando no rosto e na cabeça. Fred reagiu atingindo um violento tapa no rosto de Elisa, que a jogou no chão, cuspidando sangue junto à porta do apartamento.

Nesse instante, a porta se abriu e, por trás dela, surgiu Nara.

“Mas o que está aconte...” Nara engoliu a frase quando viu que Fred estava ali.

Então, atrás de Nara, surgiu, apreensivo, seu amante, o homem mais jovem.

“Que porra é essa?”, disse Fred.

Sem hesitação, o homem disparou correndo em direção a saída.

“O quê? Volta aqui, seu filho da puta!”, gritou Fred.

E saiu correndo atrás do sujeito.

Nara gritava, histérica, chamando pelo nome do amante.

Então, voltou-se para Elisa, o rosto deformado por desespero e raiva.

“Vagabunda, sua vagabundinha”, disse Nara. “Você não presta pra nada mesmo, sua drogada.”

E saiu correndo corredor afora atrás dos dois homens.

A luz se apagou e Elisa ficou sentada sozinha no corredor, chorando. As lágrimas misturavam-se com o sangue em sua boca.

## 20. Mentiras desperdiçadas

O ar estava paralisado. As ruas ardiam. O sol caía devagar sobre o lago depois de um dia inteiro fustigando plantas, bichos e pessoas.

João dirigiu por quase uma hora. Incapaz de decidir o que fazer com o cadáver da cadela. Suas resoluções permaneciam vagas, sem que lhe ocorresse nenhum plano específico. João sentia-se como se um dedo podre tivesse tomado conta da sua vida e agora tudo que ele tocava murchava, ou morria.

O pior de tudo para João era ligar para Lívía. Assumir toda responsabilidade e, ao mesmo tempo, inventar mais uma mentira. Só que desta vez, era uma mentira para esconder uma coisa diferente daquilo que ela desconfiava. Uma mentira desperdiçada.

Então, feito uma premonição maligna, o telefone tocou. Era Lívía.

Lívía aceitava com tranquilidade a vida que levavam, quase que o tempo todo. Só que, às vezes, ela explodia com João, reclamando de tudo e qualquer coisa. Com as crianças era a mesma coisa, aturava seus caprichos, mas, num ataque súbito, dirigia-se a elas feito uma fera, berrando descontrolada. Mas jamais chegava ao ponto de bater.

“Acabei de ligar pra veterinária”, disse ela. “Ela falou que tu nem apareceu lá.”

Uma bola de futebol atravessou a rua quicando na frente do carro de João. Ele deu uma freada brusca.

“Pois é, Lívía, eu ia te contar”, disse João. “A Edna morreu.” Sua voz era baixa e insegura, como a de um mendigo.

“Como assim?”, perguntou Lívía, perplexa.

“Quando cheguei na clínica, olhei, tava morta”, disse ele. “Nem descí.”

Um garoto de pés descalços atravessou a rua e apanhou a bola. João seguiu em frente.

“Mas não me falou nada! Onde é que tu tá com a cabeça?”, disse ela.

“Mas o que tu quer que eu faça?”, perguntou ele.

“Não quero que faça nada, faz o que quiser da tua vida. Seu egoísta!”

“Porra! Fala como se eu tivesse culpa na morte da cachorra.”

“Não to preocupada com a cachorra, João, to preocupada com a gente. Sei que tu não me ama mais, seu filho da puta. E pelo jeito não ama nem as crianças.”

“Não é verdade.”

“Tu é ruim, João! Tu não presta. Não se importa de magoar a mim nem a ninguém.”

João podia ouvir Livia chorando do outro lado da linha, mas não sabia o que dizer. Então, Livia desligou o telefone.

João seguiu. Ele próprio não podia explicar o que sentia. O coração ia afogado em um sangue contaminado. Bateu aquele cansaço que a vergonha costuma causar. Vontade de dormir. Fazia meses que João não transava com Livia, e mais tempo ainda que não trocavam carícias. Na verdade, chegaram ao ponto em que Livia encarava com desconfiança qualquer forma de afeto.

Mas não era nem por sexo. Era o amor mesmo. É o que todos querem, não é verdade? pensou João.

Livia só queria ser amada. Algo que, por algum motivo, João não podia dar a ela. Qual era mesmo o motivo?

Tentou lembrar do rosto da esposa e, estranho, o rosto que apareceu para ele era diferente do rosto que ele sempre via. Era um rosto de angústia que João se negava a reconhecer.

No seu íntimo tinha certeza de que Livia era a mulher de sua vida. É verdade que havia em seu amor por ela uma espécie de envolvimento como com uma criança incapaz. E João era a criança. Então, não conseguia se imaginar sem ela. O peso de toda uma existência compartilhada e os filhos. Tinha consciência de que jamais conseguiria algo igual, que de agora em diante estava despencando na descendente. O espaço que ela ocupara nele jamais estaria vago. E a família? João sabia que eles ainda tinham uma chance.

Mas não. Ele estava disposto a estragar tudo. Havia tomado um veneno que paralisara sua vida enquanto sua família estava sendo destruída.

O carro seguiu. O céu era de um vermelho denso e ameaçador, como de um incêndio.



## 21. Um mergulho em alto mar

Elisa ficou um bom tempo parada ali, naquele corredor escuro e vazio. Pensava em tomar alguma atitude, mas estava abatida, suas ideias se contradiziam umas com as outras. Tudo se misturava em sua mente. Parecia que ficar deitada ali era algo que fazia parte do seu protocolo de fracasso. Então ficou, choramingando num ritual de autocomiseração.

A sirene de uma ambulância soou ao longe. Elisa juntou forças e levantou-se, bem devagar, limpando o coágulo na boca com as costas da mão. Com medo de encontrar os fantasmas loiros no elevador, desceu pelas escadas, apesar dos treze andares - o coração espirrando sangue nos degraus, o ombro arrastando na parede.

Não tinha para onde ir, mas naquele apartamento não ficaria, isso era certo. Sabe-se lá qual seria o desfecho da história de Nara e Fred, mas Elisa não queria estar por perto para ver. Na verdade, não queria ver nenhum dos dois nunca mais, de preferência, que eles morressem logo, desejou. Que um matasse o outro e que seguissem se matando para sempre no inferno, desejou. Que os répteis se devorassem entre si.

Quando Elisa chegou à rua, sentia como se um ferro de passar quente apertasse seu peito e sua vontade era de enfiar os dedos na boca até rasgar os lábios e depois sair correndo sem rumo até cair de um lugar bem alto. Do topo de um prédio, quem sabe, perguntou-se, olhando para os edifícios ao redor.

Tinha vinte e cinco anos mas a sensação de que sua alma era velha. Por vezes, achava que atingira o outono de sua vida. Parecia não esperar mais nada. Vagueava do horror de fora ao vazio de dentro e do vazio de dentro ao horror de fora e nunca encontrou nada de diferente nessas perambulações – sempre de um lado a falta de amor e do outro a escuridão.

E a noite chegou devagarzinho, nos pássaros que se empurravam entre as folhas e nos latidos perdidos de um cachorro ao longe. De repente as pessoas já caminhavam mais irrequietas pela rua.

Mas se era noite ou se era dia para Elisa isso pouco importava. Andava feito um autômato, indiferente a tudo. Sua mente ia bem longe aquela hora, mergulhava em alto mar. Num mar escuro e poderoso, de ondas rugindo ao vento. Elisa nadava em desespero nesse mar sombrio. Ela colocava a cabeça para fora para respirar, respirava

um pouco e, em seguida, alguma coisa a puxava para baixo de novo e de novo a cada respirada. Elisa já se sentia inconsciente de tanto engolir água. E então, como se não bastasse, um câncer inchava feito um balão em seu ventre, a deixando pesada e fraca. E esse foi o último repelão que a fisionomia fez um anzol e a arrastou para as profundezas.

Caminhava como um passarinho com a asa quebrada, a cabeça ia perdida e sem se preocupar a respeito da direção que tomava. Quando se deu conta, veja só, estava de volta ao Bar Califórnia. Chegou lá sem nenhum plano pré-concebido, como se fossem os pés que coordenassem suas ações. Não havia premeditado nada, ela jurava por Deus, a ideia surgiu bem assim, num relance, na hora que viu Jack e seu coração acelerou descompassado e suas mãos suaram e seu corpo estremeceu.

Elisa se aproximou do balcão. Jack, que secava uns copos com um pano de prato, olhou para ela com indiferença. Parecia chateado.

“Oi, Jack”, disse ela.

Jack bancou o durão, apesar de sua felicidade com a chegada de Elisa. Seguiu secando os copos e não falou nada.

“Tá aborrecido comigo por causa da sinuca hoje a tarde?”, perguntou ela com voz doce e provocante, projetando o corpo sinuoso sobre o balcão feito uma gata cariciosa.

Foi o bastante para desmontar a pose de Jack. Agora que Elisa aparecera e o episódio do desentendimento ficara para trás, sua alma estava tranquila.

“Capaz, princesa”, disse ele, o rosto irradiando uma alegria ingênua. “Aborrecido contigo?”, disse. “Nunca!”

Foi aí então que Elisa perguntou se Jack não sabia como conseguir um pozinho para ela.

Não houve surpresa quando disse ter ele mesmo umas buchinhas para vender. Elisa sentiu os cabelos da nuca arrepiarem e as mãos, já úmidas, se apertaram.

Ela não tinha muito dinheiro, mas o bastante para pegar uma bucha.

“É bom?”, perguntou Elisa.

“O melhor”, respondeu Jack com orgulho.

## 22. Quem está pensando em você?

A noite caiu feito um pano negro jogado sobre a cidade. O carro seguia sem rumo.

João andava com as janelas escancaradas. O vento quente que circulava dentro do carro soprava como um verdadeiro tornado para as moscas que rastejavam no assoalho.

João teve vontade de ligar imediatamente para Ana e pedir perdão. Dar uma guinada no carro e voltar até lá com o rabo entre as pernas. Havia se irritado com as palavras frívolas da garota, com aquele tom de súplica, as lágrimas nos olhos, em suma, com tudo. Mas agora, como sempre acontecia quando agia assim, estava arrependido. Tinha consciência de que sua ira crescia diante das tantas frustrações que o encurralavam. Receava que, ao ligar, a garota falasse algo que o irritasse e brotasse de novo toda sua raiva. Nesses momentos, era como se ele tivesse uma pedra no peito ao invés de um coração.

Desovar o corpo da cadela na primeira encruzilhada e, quem sabe, deitar um pouco na cama de Ana, dormir um tantinho em seus braços, cheirando seu perfume. Isso seria bom, pensou João. Mas não conseguia nem ao menos decidir onde largar a cachorra. Cada vez mais se sentia como que levado pela correnteza em direção à queda d'água.

João avistou as luzes de um posto de gasolina ao longe. Aproximou-se devagar, deu seta e entrou com o carro. Não havia movimento, os frentistas conversavam entre si ao lado das bombas. João estacionou diante da loja de conveniências, desceu do carro e entrou pela porta automática.

O ambiente era super iluminado com luzes fluorescentes brancas. A loja estava deserta, a exceção do atendente detrás do balcão que, concentrado na tela do celular, ignorava tudo ao redor. João foi até um freezer cheio de garrafas de cerveja e apanhou uma long-neck. Ao fundo, relâmpagos reluziam no horizonte anunciando a grande tempestade.

Cabisbaixo, João voltou ao carro. Seus passos eram lentos, movia-se feito um fantasma. Sentou diante do volante, abriu a cerveja e deu um longo gole. Pensava em Ana. Uma intensa angústia o dominava, como uma espessa névoa. Apanhou maconha e seda e começou a fechar outro baseado.

Aquele turbilhão de sensações desagradáveis se derramava sobre ele sem parar, porém, como João não era mais jovem, sequer podia dizer que sua vida era infeliz.

Do outro lado da avenida piscava um letreiro luminoso em neon: “garotas, garotas, garotas”. Uma das tais garotas anunciadas andava sob o letreiro em frente ao estabelecimento, para lá e para cá, feito uma pantera aprisionada. João a observava por sobre o volante, enquanto terminava de enrolar o cigarro de maconha. As coxas brancas pisavam firme na calçada com o salto alto do sapato, os seios fartos ficavam quase à mostra, espremidos dentro da blusa justa de oncinha. Carros passavam devagar e a mulher gesticulava acintosamente para eles. Alguns beliscavam o freio, mas seguiam adiante.

Aparentemente, ele assistia a cena, contudo, tinha um olhar congelado, como se não estivesse vendo aquilo que olhava. Naquele instante, o que enxergava e o que pensava fundiam-se numa terceira coisa. Uma criatura parte mulher, parte leopardo, com pernas brancas, presas afiadas e muitos rostos conhecidos. E essa quimera acabou por revelar a imagem de Ana. O que ela estaria fazendo agora? Será que pensava nele?

Sim, ela pensava. Com um aperto no estômago e lágrimas de ódio nos olhos, jogando objetos na parede e desejando que João morresse de uma vez por todas. Não entendia porque a tratava deste modo, se ela o amava tanto, não fazia cobranças, realizava todas as suas vontades. Ana andava possessa pela casa, quebrando pratos e dando berros dignos de uma louca. Assustada, sua mãe trancou-se no quarto. Mesmo em meio ao ataque de nervos, o tempo todo olhava ansiosa para o telefone – hora esperando a ligação de João, hora cogitando ligar para a mulher dele e acabar com tudo. Mas tinha medo de ser xingada por ela e, pior, perder João para sempre. Um medo bobo, de uma coisa que ela sabia que ia acontecer mais cedo ou mais tarde, só estava protelando. E iria adiar o quanto fosse necessário, com todas as suas forças.

Aos poucos, a imagem da garota foi se esvanecendo, feito a miragem do oásis no deserto, e dando lugar a um mundo concreto e obscuro. João acendeu o baseado, fumou um pouco e bebeu mais da cerveja. Ligou o carro e saiu do posto de gasolina determinado a se livrar do cadáver de Edna.

### 23. Um luxo de sensações

Elisa entrou no bar e todos, homens e mulheres, olharam para ela. Seu rosto demonstrava audácia e confiança – um ar bem diferente daquele de algumas horas atrás. Seu corpo trazia uma ligeireza felina, uma languidez de movimentos. O bar era escuro e quente, o ar-condicionado não dava conta. A música tocava em alto volume. As mesas quase todas ocupadas, bem como boa parte do balcão. Aqui e ali, algumas pessoas em pé bebiam cervejas e destilados.

Feito uma modelo desfilando na passarela, Elisa serpenteou entre mesas e pessoas e foi até o balcão ao fundo. Fez um gesto para o barman e pediu uma cerveja. As coisas estavam diferentes agora. Ela sabia bem o que iria fazer de sua vida. Sentia um acréscimo de estima por si mesma, até que enfim entrara numa existência bem mais interessante, onde cada minuto tinha o seu encanto diferente, cada passo era um êxtase. Já tinha tudo planejado, voltaria para a faculdade, ia ficar com o professor, com certeza. Já o estava seduzindo e, desta vez, ia deixar de ser um desejo e se tornar uma necessidade. Elisa botava fé em sua aparência, em seu magnetismo. E não era isso, afinal, que os homens queriam? Uma mulher jovem, bonita, gostosa, disposta a tudo? Assim era ela. Um professor não pensaria diferente dos outros homens. No fundo, eram todos farinha do mesmo saco, quem comandava era a cabeça de baixo, pensou, rindo sozinha.

Sentia uma firmeza inabalável. Livrara-se até mesmo da urgência. Era como se agora tivesse tempo para planejar. Quanto à gravidez, ia dar um fim àquilo. Amanhã mesmo iria interromper, disse a si mesma, tomando um gole de cerveja. Chegou a se achar ridícula por ter feito tanto drama, levantado tantos questionamentos. Quanta choradeira por nada! Sempre a mesma história, depois que olhamos de longe, a gente não acredita como pode se preocupar tão à toa, refletiu, balançando o corpo ao ritmo da música.

E Fred? Bem, Fred ia pagar caro por tudo. Ah, ele teve muita sorte no corredor do prédio, ela estava fragilizada. Se tivesse cheirado algumas linhas não teria se resignado com um tapa na cara. Fora burra na hora. Porque não tinha pensado nisso antes? Mas a hora dele estava para chegar. Ah, e como estava. Ela ia matá-lo com as próprias mãos. Invadir o quarto do desgraçado no meio da madrugada e passar uma faca em sua garganta. E como iria se deliciar com aquele sangue todo correndo.

Estaria fazendo um bem para a sociedade, isso era óbvio, agora restara uma questão de honra – aquele estuprador tinha que morrer.

A cerveja chegou e a música aumentou de repente, os homens ao redor cercavam Elisa, eriçados feito cães. Olhares lúbricos vinham de todos os lados, e ela gostava daquilo. Se sentia no controle, sua alma era um luxo de sensações. Sabia que ia sair dali com o homem que ela quisesse. Ia fazer o cara pagar sua conta, comer na sua mão, rastejar por ela.

Elisa acendeu um cigarro e começou a fumar ali mesmo. Impossível cheirar um pó e não fumar um cigarrinho, pensou. Após quatro ou cinco tragadas o barman foi até ela e disse taxativo que era proibido fumar ali. Tinha uma papada debaixo do rosto gordo e suado.

Num primeiro momento, Elisa pareceu ignorar por completo o sujeito – que ficou a olhar para ela com uma expressão grave por detrás do balcão – e deu mais uma tragada bem tranquila no cigarro. Em seguida ela fez menção de dar outra tragada, mas interrompeu o movimento e voltou-se para o barman.

“Ai, vai me proibir de fumar”, disse, colocando sua mão sobre a mão dele. Seus movimentos enlanguesciam numa doçura de acordo com sua voz.

“Eu não faço as regras, bebê”, respondeu o sujeito, acarinhando sutil a mão de Elisa com o polegar.

Elisa deu mais uma longa tragada no cigarro e soltou uma baforada de fumaça na cara do barman, que desmanchou um sorriso que se desenhara e deu uma tossida de leve. Então ela apertou a mão do barman, segurando firme, e levou o cigarro aceso em brasa em direção ao braço dele, como se a intenção fosse apagá-lo na pele do sujeito. Ato reflexo, o homem puxou o braço e se livrou de Elisa, assustado. Ela esmagou o cigarro no balcão. Havia crueldade em seu sorriso. O barman saiu dali com um risinho nervoso e foi servir um drink.

## 24. O espelho quebrado de Deus

João resolveu sair da cidade. Pegou o caminho que levava à ponte e, no instante em que cruzava sobre o lago, raios riscaram o céu.

Seguia impassível, sequer tinha vontade de escutar algo no rádio – avançava furioso com o carro no incêndio negro do asfalto.

Passando a terceira ponte, ele dobrou a direita e saiu da estrada, pegando uma rua de chão batido.

Ele seguiu devagar pela rua, passando por casebres e barracos, cavalos e cachorros. A rua terminava num descampado debaixo da ponte, onde havia alguns barracos e amontoados de lixo. João parou o carro e desceu.

Ele olhou para frente e, ao fundo, conseguiu ver o lago. Aquela visão gerou uma rápida alegria em João.

Ele abriu a porta de trás do carro e olhou para o corpo de Edna deitado em meio à imundície. Então ajeitou a toalha que envolvia Edna, tentando livrar a parte vomitada e, em seguida, enrolou parcialmente a cadela e a pegou no colo.

Ele bateu a porta do carro, a empurrando com o pé, e seguiu em direção ao lago. Andava com dificuldades pelo terreno esburacado e cheio de lixo.

Quando chegou próximo a beira do lago, João parou e respirou fundo – se preparava para jogar o corpo de Edna nas águas escuras do lago.

João pegou as patas de trás do animal com as duas mãos e começou a girar, na técnica dos arremessadores de martelo.

Ao completar o segundo giro, João arremessou o corpo de Edna no rio.

O som áspero da cadela espatifando-se sobre a água trespassou o coração de João feito uma lâmina afiada.

Então, João escutou algo. Súbito, um vulto saiu das sombras. Um homem, barba branca, vestido em trapos, feito mendigo, e sem o braço esquerdo. João deu um salto e sentiu o calor do susto.

“Se fosse o corpo de uma pessoa tu ia ser pego”, disse o homem sem braço, num tom astuto.

“Meu Deus! Que susto! Quem é você?”, perguntou João.

“Eu que pergunto quem tu é. Tu tá na minha casa”. E apontou para um monte de cobertas jogadas no chão debaixo da ponte.

“Desculpa! Eu só queria...” João não completou a frase. O olhar opaco do homem sem braço o repreendia. Seu rosto era ao mesmo tempo fino e flácido, como se houvesse dois rostos, um sobrepondo ao outro.

“Me pergunto o que faz um cara vir até a ilha desovar o corpo de um cachorro no lago?”

João nada respondeu. O homem sem braço olhou pra ele. Um cachorro latiu ao longe.

“Como foi que tu perdeu o braço?”, perguntou João.

“Isso é uma outra história”, respondeu.

Na hora, ele pareceu irritado. Mas, um instante depois, já estava sorrindo, mostrando a falta de alguns dentes. Como já houvesse acontecido tantas coisas em sua vida que ele não conseguia mais ficar zangado por muito tempo.

“Vem cá”, disse e moveu o braço devagar.

O silêncio que prenuncia as tempestades foi cortado pelo eco dos trovões ao longe. O homem sem braço se virou indo na direção do amontoado de cobertas. Movia-se feito um ancião, lento e encurvado. João o seguiu.

O acampamento do homem sem braço fedia a mijó. Ele sentou-se, coçou a longa barba e fez um gesto para que João se sentasse também. João escolheu um lugar, em meio ao lixo, e sentou-se em frente a ele.

De dentro de um amontoado de cobertores, o homem sem braço tirou um cachimbo de resina.

“Gosta de fumar pedra?”

“Nunca fumei”, respondeu João.

O homem sem braço levou o cachimbo a boca e riscou um fósforo, na tentativa de acendê-lo, mas o fósforo se apagou.

João tirou o isqueiro do bolso e alcançou para o homem.

O homem sem braço acendeu o cachimbo e fumou profundamente, fechando os olhos como se sorvesse a fumaça. Numa puxada de ar, ele abriu de repente os olhos, que pareciam duas bolitas azuis opacas.

Então, ele alcançou o cachimbo ainda aceso para João. Quando todo o resto era o mesmo que nada, entregar-se a uma tentação como essa tornava-se uma espécie de destino. João tragou com força.



No mesmo instante as nuvens se dissiparam no seu horizonte. Não estava mais perseguido por ansiedades.

“Sabe, eu já tive um carrão como esse teu”, disse o homem sem braço, apontando com a cabeça para o carro de João estacionado ali adiante.

João pegou seu isqueiro de volta e acendeu o cachimbo outra vez. Deu mais uma longa tragada.

“Já tive tudo de bom. Mas perdi tudo”, prosseguiu o homem. A voz dele era baixa, sem esperança. João passou o cachimbo de volta para ele.

“O que aconteceu?”, perguntou João.

O Homem sem Braço fumou mais uma vez o crack.

“Eu poderia dizer que foi por causa da pedra, das drogas. Mas não foi. Foi a vida mesmo que passou por cima de mim”. Parecia perplexo e pensativo, como se estivesse tentando explicar o passado para si mesmo.

Ele alcançou o cachimbo para João.

“Pessoas que nem eu são os espelhos quebrados de Deus”, completou o homem.

João tornou a fumar no cachimbo.

Desta feita, João levantou-se num salto, como se alguma força o impedisse de ficar sentado.

“Sabe aquela sensação de desespero quando um dente está doendo?”, prosseguiu falando o homem. “Daí você arranca o dente e percebe que, na verdade, é o dente do lado desse que dói. Daí você extrai esse outro dente, só que a dor passa para o próximo. Até que você arranca todos os dentes da boca. Mas a dor continua lá.”

João, os olhos estralados, olhava para ele. As ideias vinham em fragmentos, como faíscas, em compensação, reinava em seu coração um apaziguamento.

“Há dez anos eu tinha emprego, tinha mulher, tinha até dois braços” – disse o homem, com melancolia.

“Mas que idade tu tem?”, perguntou João.

Ele disse que tinha cinquenta e cinco. João fez o cálculo, não conseguia raciocinar. Sua alma transbordava, mas suas percepções estavam confusas, uma afugentando a outra, numa espécie de movimento circular.

“Valeu pela presença, amigo”, disse João. “Tenho que ir”.

“Deixa um dinheirinho aí pra gente, patrão”, pediu o homem sem braço.

João negou com a cabeça.

“To duro, amigo. Não tá fácil pra ninguém”, completou.

Em seguida, o homem sem braço levantou do seu lugar num salto, como se tivesse se transformado numa fera que escapou de uma jaula. Trazia na mão uma faca de cozinha, e, ato contínuo, encostou a lâmina na garganta de João.

Em segundos, de decrepito ancião a um jaguar matando a presa.

Num ato reflexo, João cruzou um soco no ouvido do homem sem braço que se desequilibrou e caiu.

A faca rasgou um pedaço da pele do pescoço de João.

João levou a mão ao pescoço e sentiu o sangue escorrendo entre os dedos.

O homem sem braço começava a se levantar quando João correu e chutou sua cara.

O homem sem braço despencou, cuspidando um dente.

João chutou de novo e de novo. No rosto. Por cima da barba branca. No olho.

Riscos de raios no céu traziam flashes de luz branca à cena.

João foi embora apressado, estancando o sangue no pescoço. O homem ficou lá, deitado, sem um braço e com a cara toda arrebentada.

## 25. Exótica

Elisa tomou uma cerveja, e depois outra. Ia ao banheiro, cheirava uma carreira e voltava. De repente, reparou na mulher sentada em uma mesa junto ao balcão. Os grandes olhos claros a sondavam e, quando perceberam que Elisa os olhava de volta, focaram em outra direção. Era uma bela mulher de pele mulata e um cabelo liso que escorria ao longo das costas desnudas. Que mulher é essa!, pensou Elisa.

A mulata tornou a olhar e sorriu, exibindo dentes brancos e perfeitos. Elisa sorriu de volta, mostrando suas covinhas na face.

A mulher chamou Elisa e a convidou para sentar-se com ela.

Disse a ela que se chamava Jade.

Jade era uma presença sensual, feito um sol vibrante que brilha e queima ao mesmo tempo. A tez jambo harmonizava com os traços afros. Seus olhos de longos cílios traziam qualquer coisa de diferente. O verde predominava na íris, mas havia um degrade que ia até o cinza. Contornando a pupila, rajados cor de mel se agrupavam como num caleidoscópio.

Se os olhos chamavam para o mistério, a boca evocava a luxúria. Os lábios eram túmidos e escarlates – o inferior avançava duas vezes mais grosso. Se uma língua bífida saísse de sua boca, não seria surpresa alguma.

Tinha uma beleza que não era comum, mas que ao mesmo tempo qualquer um reconheceria. Até o mais alheio dos homens, perdido na multidão, pararia diante daquele rosto e ficaria a lembrar dele por um tempo.

A opulência de seu corpo sobressaía-se – coxas largas, bunda grande, cintura fina e o busto firme. Jade era um mulherão.

Tomaram uma cerveja juntas e logo o assunto chegou na cocaína, pois ambas levantavam-se de tempo em tempo para ir ao banheiro e voltavam fungando de lá.

“Tenho que admitir uma coisa”, disse Elisa, fascinada pela outra. “Te acho muito atraente”.

Jade sorriu e segurou com sua mão macia e quente a mão de Elisa.

“Também te acho atraente”, disse. “Você é linda”.

Elisa enrubesceu, seus seios arfaram ansiosos sob a blusa verde.

“Tu parece uma modelo”, disse.

“Não, não sou modelo. Sou garota de programa”, confessou Jade.

Elisa sorriu em aprovação. Estava estimulada, seu desejo respirava a plenos pulmões outra vez. Queria saber os detalhes mais sórdidos. O que Jade fazia na cama com os homens. Como ela se sentia.

“Esses homens significam tanto para mim quanto um boneco de plástico. Eles podem fazer o que quiserem comigo, que não estou nem aí”, disse ela. “Posso ficar debaixo de um homem e pensar apenas na lista do supermercado”.

Jade achava seu trabalho fácil.

“Posso comprar as minhas coisas e viver do jeito que eu gosto”.

“Havia um boato de que eu fazia programa quando fui morar em Florianópolis”, disse Elisa. As palavras saíam rápidas de sua boca. “Eu ria disso, minha família sempre teve dinheiro, nunca precisei. E sequer alguma vez cogitei. Só em fantasia, é claro”. Um sorriso insinuante acompanhou a última frase.

“Sua safadinha”, disse Jade.

As risadas das duas se fundiram. Davam gargalhadas como se houvesse uma fonte de riso na mesa. Impulsionadas pela droga, falavam sem parar e se abriam uma com a outra numa avalanche de palavras. Em poucos minutos, Elisa já havia contado boa parte de sua vida a Jade, as várias faculdades, a surra do namorado, a internação, as mudanças de cidade. Mas nada disse sobre a gravidez.

Jade não era daqui. Tinha vindo do Maranhão, mas havia morado no Rio, em São Paulo e, há um ano, em Porto Alegre. Sempre no esquema. Boates, sites, agências, já havia trabalhado até na rua.

“Tentei carreira de modelo, mas não deu certo”, disse. “Dei pra um monte de gente e não ganhei um tostão. Aí pensei: querem me comer, então que me paguem”.

Além da beleza e da volúpia, Jade era divertida.

Ela afagou com carinho o rosto de Elisa.

“E esse roxo nesse rosto de princesa?”, perguntou, notando o machucado da agressão de Fred.

“Tá muito feio?”, perguntou Elisa, com uma repentina baixa na auto-estima.

“Não, está bem maquiado”, disse Jade, a tranquilizando. “Além disso, você é linda de qualquer modo”, completou.

Então Elisa falou sobre o estupro.

Aquela história perturbou Jade.

“Escroto!”, disse, com fúria. “Isso não pode ficar assim”.

Ela conhecia pessoas que poderiam dar uma lição em Fred, acabar com a raça dele. Elisa queria ele morto, mas não tinha como pagar.

“Não se preocupe”, disse Jade. “Isso você deixa comigo”.

A hora da desforra chegara e todo o rancor doloroso, acumulado na alma da mulher violada, explodia num jato. Seus olhos focavam o infinito, ela via Fred deitado bem longe, no inferno.

Ali, na mesa do bar, as duas traçaram um plano de vingança mortal contra Fred.

Satisfeitas com o projeto, acenderam os cigarros e fumaram com prazer.

Em questão de segundos o barman apareceu.

“Por favor, não me faz expulsar vocês daqui”, falava com um sorriso grudado no rosto, tentando se mostrar amistoso. Havia um colar de contas de suor na sua testa.

Elisa deu uma tragada forte, deixando a ponta do cigarro incandescente e, mais uma vez, ameaçou queimar o braço do sujeito com a brasa. Ele deu um salto para trás, se afastando do raio de ação dela.

“Cuidado pra não se queimar, bebê”, disse Elisa, com um ar perverso.

O homem permaneceu de pé próximo à mesa, porém, numa distância segura.

“Cai fora daqui, cara de sapo”, disse Jade numa raiva súbita. Um ar maligno no rosto, como se estivesse possessa.

O barman recuou assustado, os olhos saltavam na sua cara engordurada. Ele partiu com mágoa e medo, feito um bebê gordo prestes a chorar.

“Tô com vontade de tomar champanhe”, recomeçou Jade com voz calma, como se nada tivesse acontecido.

Os homens que estavam no bar cercavam a mesa feito uma alcatéia de hienas em torno da carniça. Elisa terminou o cigarro e levantou para ir ao banheiro, cheirar sua última carreira. Então, Jade a segurou pelo braço e a puxou para perto de si. Elisa olhou para ela – os lábios ligeiramente abertos, feito pétalas de uma flor exótica.

Num movimento decidido, Jade colocou Elisa em seu colo e beijou sua boca. A língua não era bífida, mas tinha um *piercing* de prata perfurado nela. Os homens em volta olhavam inquietos e incrédulos para a cena, mas Elisa mal percebeu.

“Vamos sair daqui, quero te chupar toda, linda”, disse Jade, junto ao ouvido de Elisa.

## 26. Esperanças silenciosas

As vezes, a noite, a escuridão e o silêncio pesavam sobre ele. E aí vinham aqueles pensamentos que preferia esquecer.

As faixas brancas da estrada passavam rápidas sob a luz amarelada dos faróis.

João dirigia segurando um lenço dobrado sobre o ferimento no pescoço. Estava cansado e com fome. A fúria abrasadora da pedra queimando na sua cabeça já se fora, e, voltando a remoer sobre suas circunstâncias, sentia um frígido ressentimento. João havia machucado bastante o cara. Será que ele iria morrer? Quem se importava, o sujeito havia tentado matá-lo. O ferimento não fora tão profundo, por sorte. João tirou o lenço do pescoço, estava úmido pelo sangue. Sem reduzir a velocidade, acendeu a luz do interior do carro e posicionou o espelho retrovisor para analisar o ferimento. Não ia precisar tomar pontos nem nada, pensou, mas tinha que limpar a ferida, isso com certeza.

João lembrou de sua mãe, de um curativo que ela fez nele quando bateu com a cabeça na porta de vidro da cozinha. João devia ter uns dez anos. Sua mãe era sempre uma lembrança triste. Coitadinha da minha mãe, pensou, morrera tão moça. Ele tinha a fotografia dela lá, morta. Atirada no meio da sala de estar daquela casa vazia com um sorriso no rosto. Ali, estava se dando conta naquele momento, ele começava a morrer. Morrer uma morte lenta e triste.

A partir desse momento, pensando bem, foi quando as coisas começaram a desandar para João. Até então vivia bem com Lívia, não sentia aquela inquietude dentro da própria casa, como se fosse um animal enjaulado, a perna sempre tremendo, os dentes trincados. Porque era bem claro para ele que essa sensação de aflição não começara com Ana. Isso já vinha bem antes. Crescendo invisível feito uma úlcera, cada dia tomando mais espaço. Talvez, desde sempre estivesse dentro dele, porém adormecida. Ana havia sido apenas uma consequência de algo que vinha errado e seguia assim, sem parar. Feito um carro sem freio que desce a lomba e, quando chega lá embaixo, o sinal está fechado.

Parece que, por algum motivo, as coisas que davam certo para a maioria das pessoas não eram para ele, uma hora ou outra se corrompiam em suas mãos.

Quando a menina nasceu, por exemplo, João não tinha toda essa indiferença que agora sentia pelos filhos. Também, com um bom emprego e um casamento feliz,

pensou. No início se esforçava para ser um pai interessado, gostava mesmo disso. Mas aos poucos começou a se desanimar, como se aquilo fosse apenas uma obrigação, ou mesmo um fardo. E então, a felicidade apagou-se. Que diabo de parasita é esse que faz um homem se desinteressar por seus filhos? Depois, quando vieram os gêmeos, sua vida já estava no meio da turbulência. Uma turbulência que precedia uma tempestade de raios.

Agora, não só não conseguia ver nenhum caminho a sua frente, como sabia que não havia nenhum. A sua destruição não poderia ser mais completa. Cá entre nós, o trabalho dele como contador era péssimo, não por acaso fora demitido. Como marido, uma negação. Como pai então, nem se fala. Esse seu maior desastre.

Um tempo se passou dentro daquele carro pestilento e a vergonha e o arrependimento começaram a ceder. Sentia um vazio, como se tivesse cumprido uma finalidade e agora não restasse nada.

Chegara àquele grau de sofrimento insuportável em que mesmo o coração mais orgulhoso abandona todo amor-próprio e se declara vencido pela dor.

Acima de tudo, João queria ir para casa, mas tinha medo. A ideia de se encontrar frente a frente com Lívia fazia seu estômago doer e sua garganta apertar.

Apanhou o telefone e ligou.

“Oi, Lívia”, disse ele. “Estou voltando pra casa. Morrendo de fome.”

Do outro lado da linha, Lívia respirava. As crianças numa algazarra ao fundo.

“Tem janta?”, perguntou ele.

“Mas você é muito cara de pau mesmo.” Havia raiva na voz de Lívia.

“Tá bem, calma! ”, disse ele. “Então, eu vou comer alguma coisa e depois vou pra casa.”

“Eu sei bem aonde é que você vai!”, disse ela.

“Meu Deus, Lívia. Eu tive um dia de merda, quero só comer uma coisa, não vou demorar.”

“Pode ir, pode demorar o tempo que quiser. Eu não me importo”, disse ela. “E quer saber? Nem precisa voltar.”

Lívia desligou o telefone. As crianças gritavam e brigavam entre si. Sentia-se como se tivesse sido martelada sem piedade para ficar cada vez menor e mais fina, feito um metal flexível. As esperanças silenciosas e os anseios frustrados se acalmando aos poucos, ficando cada vez menores e mais pálidos.

## 27. Uma grande encenação

O ar quente estava suspenso, como se a cidade inteira estivesse prendendo a respiração. Um relâmpago rasgou o céu negro em silêncio.

Elisa e Jade haviam decidido ir a um motel, mas, no caminho, em meio aos beijos, ambas perceberam que já não tinham mais pó, nem dinheiro, pois, além de tudo, queriam beber champanha. Então, Jade propôs que fossem até uma boate, onde ela faria um programa e descolaria o dinheiro.

“É rápido, meu anjo”, disse. “Subo com o cliente e volto em meia hora.”

Quando elas desceram do táxi, quase em frente à boate, havia um frenesi de carros na avenida, passando, freando, buzinando para as duas.

Elisa olhou ao redor e se assustou com o que viu: um letreiro ultrapassado de neon dizendo “garotas, garotas, garotas”, trocando do vermelho para o amarelo e para roxo. Sob o letreiro, uma mulher andando de um lado para o outro impacientemente. As coxas brancas e firmes à mostra.

A mulher olhou para elas e sorriu. Jade puxou Elisa pela cintura e a beijou, como se fizesse questão de mostrar a outra que Elisa era dela. O sorriso da mulher transformou-se num esgar malicioso, e ela voltou ao serviço, fazendo um gesto acintoso para um carro que passava devagar.

A medida que o efeito da droga ia desaparecendo, sumia junto a confiança serena e forte que Elisa tinha em si mesma.

“Que tal eu esperar lá na lojinha do posto”, disse ela, apontando para o posto de combustíveis do outro lado da rua.

“Você quem sabe”, respondeu Jade. “Mas eu prefiro que entre comigo”.

Falava num sussurro desfalecente, com uma entonação leve.

“Lá dentro, eu consigo um pó pra você cheirar enquanto aguarda.”

Aquele argumento, dito daquele jeito, foi convincente o bastante.

Elas entraram, mas ali fora o movimento seguiu indiferente. Carros passavam devagar com homens solitários trancados no ar-condicionado à procura de diversão fácil, a prostituta de shortinho curto na esquina fumava seu cigarro amargo, a travesti seminua exibia os seios enormes. No lado selvagem da cidade havia pecado, libertinagem, transgressões. Cada perversão tinha seu preço tabelado. Tudo girava em



torno do desejo. E o calor sufocante, que há semanas assolava Porto Alegre, fazia a volúpia crescer feito nunca, como se o sangue fervesse nas veias das pessoas comuns.

O interior da boate estava escuro e fresco. A música era alta. Havia uma meia dúzia de homens e cerca de vinte mulheres. Algumas garotas dançavam semi-nuas sobre o balcão, as outras estavam sentadas ao redor dos poucos clientes ou simplesmente aguardando nas mesas do fundo.

Jade conduziu Elisa até uma mesa no canto, próxima ao balcão. Elisa olhava em torno de si, cheia de curiosidade. Atentava para as mulheres. Dava a impressão de serem todas lindas, porém, impossível distinguir seus rostos, tal a penumbra do ambiente. Para ela, era como se estivesse dentro de um filme, ou um espetáculo de teatro. Uma grande encenação, na qual todos se divertiam. Bem, nem todos, pensou, as putas agrupadas nas mesas do fundo não pareciam muito alegres.

Jade também analisava o ambiente, mas com outro tipo de olhar. O olhar aguçado da cascavel quando vibra o chocalho. A vítima estava encurralada mais a frente. Havia uma mesa com dois homens de meia idade e uma mulher. O homem desacompanhado não tirava os olhos dela. Ela fez um gesto para o garçon, e então, voltou-se para Elisa. O caleidoscópio de sua íris parecia ter mudado de desenho.

“Todas as meninas tem cabelo liso”, disse Elisa, espantada. “Mesmo as negras”.  
“É regra da casa”.

O garçon se aproximou. Jade falou junto ao seu ouvido. Ele olhou para Elisa, falou algo no ouvido de Jade e saiu. Jade virou-se para Elisa, segurou sua mão.

“Fica por aqui que ele vai te trazer uma buchinha”, disse.

Elisa concordou, e então, Jade levantou-se e saiu rebolando em direção à mesa com os dois homens de meia idade.

Elisa ficou observando de onde estava. Um dos homens fez um gesto, indicando que Jade sentasse. Ela sentou-se, enfiou a língua na orelha do sujeito e segurou no seu pau por cima da calça. Em seguida se beijaram.

O garçon veio e entregou o pacotinho para Elisa que, de imediato, abriu o embrulho, retirou um pouco de pó branco de lá de dentro com a unha, levou ao nariz e aspirou com força. A droga bateu na mesma hora. Então, Elisa olhou de volta para a mesa onde estava Jade e ela havia sumido, junto com o homem que estava com ela. Elisa sorriu e então separou um pouco de pó sobre a mesa e tornou a cheirar.

## 28. O meteoro

O ponteiro indicava que não havia mais gasolina no tanque. João ficou irritado porque, afinal, teria mesmo que colocar gasolina com o dinheiro que pedira para Livia. Mas depois percebeu que aquela mentira desperdiçada, ironicamente, se transformara numa verdade. Na sua conta de mentiras, João podia descontar uma. Então, por um instante, uma espécie de alívio moral o atravessou feito uma lança, quando pensou que o roubo, que revelara a corrupção de seu caráter, tinha agora um atenuante.

Avistou o posto de gasolina. Mais relâmpagos riscaram o céu.

O carro de João entrou no posto e parou diante de uma das bombas. Havia só um frentista que terminava de abastecer uma caminhonete preta parada em outra bomba. João aproveitou para conferir o dinheiro que tinha. Abriu a carteira e somou a quantia que restara do que havia ganho de Livia. Separou no bolso um tanto para gasolina, pensou em outro tanto para comer algo e ainda assim iria sobrar bastante, afinal, havia economizado na consulta veterinária.

O frentista se aproximou e bateu de leve no vidro. João abriu uma fresta, entregou a chave do automóvel para ele e pediu a gasolina. A seguir, guardou o resto do dinheiro na carteira e desceu do carro.

João olhou do outro lado da rua e lá estava o letreiro ultrapassado de neon: “garotas, garotas, garotas”. Trocando do vermelho para o amarelo e para roxo. E, sob o letreiro, a mulher ainda estava andando na calçada – quatro passos para cada lado. As coxas brancas e firmes pareciam fosforescentes da distância que João observava.

O frentista se aproximou. O suor escorria de seu rosto.

“Será que vem chuva?”, disse, olhando para o horizonte enquanto entregava a chave do carro de volta para João.

João deu uma rápida olhada para trás, dando de ombros a seguir, enquanto pegava o dinheiro separado no bolso.

“Sei lá”, respondeu.

“Hoje que era pra passar o cometa aquele. Sabe?”, disse o frentista, os olhos procurando algo no céu.

João entregou o dinheiro a ele. Nada sabia a respeito do cometa.

“Mas, no fim, não apareceu o tal cometa”, disse o frentista, com decepção na voz.

“Essas coisas nunca acontecem quando a gente quer”, disse João.

“Tinha louco dizendo que hoje era o fim do mundo”, seguiu o frentista. “Mas também, já teve tanto fim do mundo”.

“Mas uma hora bem que podia acabar, não é?”, disse João.

A única esperança no futuro que ele tinha era que o mundo acabasse de uma vez por todas. Surgisse um meteoro e dizimasse tudo.

O frentista concordou com a cabeça e coçou o queixo, pensativo. Tornou a olhar para o céu – havia um brilho em seus olhos.

Uma algazarra jubilosa do outro lado da avenida chamou a atenção dos dois. Um grupo de amigos entrava às gargalhadas no estabelecimento, comemorando a última noite de solteiro de um deles. Soavam como cães no canil na hora que é servida a ração.

O frentista olhou para João e para a boate do outro lado da rua. Um sorriso sugestivo animou seu rosto.

“Tem umas gostosas lá”, disse, como se notasse o interesse de João.

“Sabe se a cerveja é muito cara?”

“É um pouco mais cara que aqui”, respondeu o frentista, apontando com a cabeça para a loja de conveniências. “Mas lá tem de seiscentos”.

João viu vantagem. Uma voz surgiu na sua cabeça e o mandou ir para casa de uma vez. Mas ele trazia um gato preto e peludo aninhado no peito, que silenciou aquela voz com um tapa certo na boca.

Sem dizer nada, João entrou no carro e estacionou em uma vaga mais adiante. Em seguida desceu do carro, atravessou a rua e entrou na boate.

O frentista ficou parado o observando. Ele também tinha esperança no meteoro.

## 29. O vazio

A cidade esperava impaciente pela tempestade. Preferia os ventos de mais de cem quilômetros por hora – que derrubam as árvores ocas e levantam o telhado dos barracos – ao ar parado do inferno. Mas, apesar dos relâmpagos rabiscarem seus desenhos no horizonte por horas, ninguém sabia ao certo se a tempestade viria.

Quando era noite na cidade, coisas aconteciam. A noite era o bilhete para percorrer a porção mais oculta das consciências. Os fantasmas das coisas não feitas e não ditas vinham assombrar na hora de dormir. Cruéis, corroendo como ferrugem. Demônios loucos gritavam ao longo da madrugada. A cidade gritava.

Um grupo de oito ou nove homens jovens adentrou à boate fazendo barulho. As mulheres sentadas ao fundo se alvoroçaram. Umas retocando a maquiagem, outras já levantando e se exibindo pela casa, carregando copos com bebidas nas mãos. Do seu canto, Elisa observava o movimento. Já havia cheirado três carreiras gordas, precisava beber algo com urgência, pensou, mas não tinha mais dinheiro.

O grupo foi recebido pela cafetina – uma mulher de meia idade, baixa estatura e cabelos roxos. Ela os encaminhou para um garçom que surgiu serelepe. Um sujeito loiro de topete no cabelo colocou o braço sobre os ombros do garçom e caminhou junto com ele como se fossem amigos íntimos. Uma mesa grande bem no centro do salão foi preparada para eles. As mulheres começaram a se dirigir para lá, movendo-se como vampiras numa lua de sangue.

Então Elisa reparou em um sujeito que acabara de entrar na boate. Não estava com o grupo. Era ninguém mais ninguém menos do que João chegando no recinto. Elisa conhecia aquele cara, mas se perguntou de onde?

João sentiu o frescor do ar no interior da boate. A luz vermelha escurecia tudo. Quanto mais escuro, mais lindas as moças. As garotas que dançavam semi-nuas sobre o balcão, sob um facho de luz mais claro, chamaram sua atenção. Foi até uma mesa próxima, puxou uma cadeira e sentou-se de frente para o balcão. Mais ao canto, Elisa o observava, mas ele não percebeu. O garçom surgiu furtivo da penumbra, como se houvesse se materializado do nada. João perguntou quanto era a cerveja. O garçom o informou e ele pediu uma.

Elisa então o reconheceu. Claro! Era o cara com o qual ela havia jogado sinuca a tarde. Como era mesmo o nome dele? Elisa não lembrava.

João observava o ambiente, começou a fazer contato visual com algumas mulheres, mas não confiava em seus olhos naquela penumbra. Tudo parecia uma ilusão. Então, seu olhar bateu nos pequenos olhos de Elisa, que já o observavam fazia tempo. Ela sorriu e ele reconheceu aquele sorriso. Elisa posicionou seu corpo numa postura atrevida, os seios se projetavam para frente. A garota parecia bela demais para o local. Seu ego lhe dizia que ela estava contente em vê-lo. João fez um meneio com a cabeça, e então ela avançou na direção dele – uma tigresa movendo-se sublime sob um sol escarlate.

“Ei, você é a garota que jogou sinuca comigo hoje, não é?”

Elisa estava entusiasmada com a coincidência, viu ali uma oportunidade. Não perdeu tempo. Ela sorriu, abaixou-se da altura dele, enfiou a língua na sua orelha e segurou no seu pau por cima da calça.

“Quer me comer?”, sussurrou ela.

Mesmo pego de surpresa pela leveza da garota, por instinto, João perguntou o preço. Elisa falou o valor do programa (o mesmo que Jade cobrava). João fez o cálculo, descontando a cerveja, a gorjeta... Ah, droga! Faltava um pouco de dinheiro. E ainda assim não ia sobrar nada para o jantar. De qualquer modo, João fez a proposta, disse a ela quanto tinha. Humm, nada mal, pensou Elisa, com uma cervejinha para tomar e um pó para cheirar... Na verdade, com o tesão que sentia, daria para aquele cara até de graça, e, além do mais, estava sem grana.

“Ok, combinado”, disse ela.

E então se beijaram. Elisa enfiou a língua na boca de João.

A música mudou de gênero de repente e, em seguida, subiu de volume. A *playlist* dos rapazes da festa era mais moderna que a da casa. O garçom chegou com a cerveja e encheu os dois copos enquanto eles ainda se beijavam. Devagar, João descolou-se de Elisa, o hálito da garota acariciou seus lábios. Subiu um calor de sua virilha e se espalhou por todo corpo. Ele sorriu para ela. Excitada, Elisa sorriu de volta. Também sentira o calor.

“Combinado”, disse João.

Eles brindaram com a cerveja e beberam um longo gole. Sedenta, Elisa tomou até o final. A música explodindo nos ouvidos.

“Agora, dança pra mim!”

Sem hesitação, Elisa subiu na mesa, tirou blusa e sutiã, exibindo seios nus e rijos, e dançou como nunca.

João virou o copo de cerveja de uma vez só, olhou a garota dançando e tentou ficar obcecado.

Até que enfim não pensavam em nada.

Sem medos, sem arrependimentos, sem expectativa.

Nas profundezas da cidade há um vazio, isso não é segredo algum.

E se um mosquito voasse naquela noite quente por Porto Alegre, ele veria que o vazio estava se espalhando por todos os cantos da cidade.

Estava lá, na decepção no olhar perdido do frentista em frente à boate, esperando o fim do mundo que não vinha; no nojo na boca de Jade, cuspendo no chão o sêmen que sob a luz vermelha parecia sangue; nas feridas escuras do homem sem braço, se arrastando sob a ponte, esquecido em meio ao lixo; no desamparo de Ana, plantada diante do telefone feito um vegetal; na raiva reprimida de Jack, sonhando com o mundo perfeito atrás do balcão do bar; nas lágrimas silenciosas de Livia, trancada no banheiro, chorando seu abandono escondida das crianças.

O vazio estava nesses lugares, e em outros tantos. Ele está em toda parte.

FIM

*Porto Alegre, fevereiro de 2017 – agosto 2018*

## Parte II

**DE MENTIRAS DESPERDIÇADAS A CONFISSÕES PERDIDAS –  
o processo criativo do romance *Confissões perdidas***



## 1 Introdução

Este ensaio trata do processo criativo da construção do romance *Confissões perdidas*, em função desse processo, busca conexões entre literatura e cinema, romance e roteiro.

Parto do pressuposto de que o processo de qualquer romance que tenha uma metodologia particular do autor, ou mesmo reflexões decorrentes do procedimento, são objeto de interesse da área da escrita criativa. Existe inclusive uma disciplina, a Crítica Genética, que trata disso. Não que este ensaio se proponha a ser uma análise por esse viés, na verdade, é uma reflexão sobre a prática. Porém, neste caso em especial, o interesse se amplia quando se percebe que dentro do processo criativo houve uma tradução, uma interdisciplinaridade, uma transformação entre diferentes meios.

Partindo da gênese da ideia e, seguindo as diversas possibilidades de explorar tais narrativas e personagens até a concepção final do romance, dá para perceber que muito coisa aconteceu. E vou tentar colocar tudo isso aqui.

Ao lermos um romance, por vezes nos perguntamos de onde vieram aquelas ideias. Dos estudos de Crítica Genética às entrevistas em veículos especializados, sabemos de diversos autores de onde vem sua fonte de inspiração. A conclusão que se chega aproximando os muitos exemplos é de que há obras que parecem surgir de um jeito diferente, particular. Enquanto há outras tantas que seguem algumas metodologias que se repetem feito um padrão. Tanto no processo criativo, quanto no que estamos chamando aqui de origem da ideia. Daí vêm as principais dicas e didáticas de como criar contos, roteiros ou romances. Mas, em outras vezes, as metodologias são bem particulares. E, no caso de *Confissões perdidas*, acredito que estamos diante de um desses processos pouco ortodoxos e dignos de uma reflexão.

Para acabar com o suspense, a gênese do romance nasce de um conto, *Mentiras desperdiçadas*, seguido de outro conto, espelhado em estrutura ao primeiro, *Onde foi parar a menina das fotografias?*, porém com uma personagem feminina como protagonista. Mais adiante, a junção desses dois contos gerou um roteiro cinematográfico de longa-metragem, *Uma segunda-feira qualquer*, e, num quarto momento, o roteiro se transformou no romance *Confissões perdidas*.

Dos contos ao roteiro, do roteiro ao romance são diversas transformações que pretendo examinar aqui, levantando algumas hipóteses:

Além da linguagem evidentemente diversa entre cinema e literatura, existem temas, assuntos e conflitos que são mais cinematográficos enquanto outros são mais literários?

Seria o romance *Confissões perdidas* uma adaptação?

## 2 Mentiras desperdiçadas

No início do ano de 2014, em um seminário de criação literária, me propus a escrever um conto no qual copiava a estrutura formal de outro conto, no caso, *Jerry, Molly e Sam*, do escritor norte-americano Raymond Carver<sup>1</sup>. A ideia era “decupar” o conto de Carver em termos de estrutura - número de cenas, ordem dos acontecimentos, situações dramáticas. Nesse processo, adaptei uma história pessoal, que dizia a respeito a um problema que eu estava enfrentando. Momento da vida, misturando com alguns elementos de Carver e cheguei ao *Mentiras desperdiçadas*. Um conto a princípio bem desprezioso, que bebia direto da fonte do contista estadunidense e se prestava como exercício de aula.

A recepção do conto foi bem melhor do que a esperada, o *feedback* deu um ânimo diferente para uma ideia a princípio sem maiores ambições. Era voz recorrente afirmações do tipo: “parece um filme!”, “a gente enxerga tudo”, “tinha que filmar essa história”.

A partir dessa avaliação positiva, somada ao meu desejo permanente de desenvolver habilidades criativas, resolvi apostar na ampliação daquela ideia e, quem sabe, transformá-la em um filme.

Meu trabalho na literatura vem de 1999, sempre como contista, mas meu trabalho no cinema data dos anos oitenta, exprimindo os anseios artísticos da minha juventude em filmes experimentais. Na verdade, essa via dupla me importou desde sempre e faz com que a conexão entre essas duas áreas seja objeto de meu interesse.

Pela minha experiência com cinema como diretor de 20 filmes de curta, média e longa-metragem, quase todos roteirizados por mim, e como roteirista de outros 6 longas-metragens, visualizei a trama de *Mentiras desperdiçadas* como um filme de trinta, quarenta minutos no máximo. Um formato bastante ingrato para cinema, pois nem se enquadra como curta-metragem – normalmente até vinte minutos – que poderia participar de circuito de festivais e de editais que fomentam esse tipo de formato, nem se enquadra como longa metragem – mais de uma hora – e participar de circuito comercial e também de seus editais específicos. O escritor geralmente pouco se importa com gênero ou formato ou tamanho do seu livro, gosta da liberdade

---

<sup>1</sup> 68 contos de Raymond Carver | Raymond Carver: tradução Rubens Figueiredo – São Paulo: Companhia das Letras, 2010

criativa e um livro, a princípio, vai ficar com o tamanho “que ele tiver que ficar”. Em cinema, infelizmente, o roteirista não pode escrever ignorando a realidade de o quanto aquilo vai custar e para qual público se destina, pois o custo da produção é um fator importante de ser lembrado ao longo do processo criativo da feitura do roteiro. O bom roteirista entende de produção e direção, não apenas da escrita.

Levando essas coisas em consideração, senti a necessidade de ampliar o objeto, pois tinha a intenção de fazer um roteiro de longa-metragem.

Porém, havia algo na perambulação de João que, ao meu ver, praticamente se esgotava naquela trama. Duas ou três cenas seriam acrescentadas, mas não muito mais do que isso, afinal, a história se passa em um dia.

Sei da dificuldade que é desenvolver o segundo ato de um longa-metragem. Na minha experiência como professor de disciplina de roteiro, ou como consultor, na maioria absoluta dos roteiros longos, os problemas de estrutura se encontram lá. Logo, a solução não parecia ser ampliar a trama, pois poderia cair em uma armadilha.

Assim, esqueci o roteiro por um tempo, pois julguei que não tinha material suficiente, e decidi que escrever outro conto – espelhado em estrutura com *Mentiras desperdiçadas* e passado no mesmo dia, só que com uma personagem feminina como protagonista – poderia ser uma boa maneira de desenvolver uma história maior. E assim surgiu *Onde foi parar a menina das fotografias?*, o conto.

### 3 Onde foi parar a menina das fotografias?

Na época, havia dois motes que eu desejava desenvolver: uma personagem, Elisa, inspirada em uma pessoa que conheço, e uma história sobre uma gravidez indesejada, também baseada em fato real. Visando essa intersecção com o conto anterior, escrevi *Onde foi parar a menina das fotografias?* com uma estrutura espelhada ao *Mentiras desperdiçadas*, sendo ainda mais fiel ao “espelhamento” em questões como o tempo e o espaço em que se desenvolve a trama e mantendo a mesma forma na linguagem, ou seja, privilegiando as ações visuais.

Há aqui um rigor formal que poderia servir de limitação criativa. Porém, por vezes justamente o momento de fricção que resulta do diálogo de uma história com a outra, pode ser um ponto catalisador e resultar numa epifania.

Ao utilizar os contos escritos anteriormente como matriz, existe uma pré-determinação, é verdade, mas, acredito que um dos diferenciais criativos da ideia seja justamente esse cruzamento das histórias e das personagens. Para isso é preciso ser rigoroso num aspecto, pensar em termos de forma.

No caso, o retorno dos interlocutores foi em especial na ênfase sobre o quão visual era a história, o que me animou para desenvolver o roteiro e, também, comentários positivos de interlocutoras, sobre a construção da personagem feminina, que era outro fator que me parecia bastante complexo e me gerava certa insegurança.

Outra coisa que colaborou no sentido de juntar as duas histórias para formar uma, foram as cenas em que as personagens se cruzam. Elas estavam ali e funcionavam de forma bastante verossímil, não parecendo forçadas ou esquisitas.

Assim, estava dada a largada para desenvolver o roteiro de longa-metragem.

#### 4 Uma segunda-feira qualquer

Uma questão de difícil decisão na roteirização dos contos foi em relação ao narrador. Por certo que a história é bem visual. Por exemplo, em um determinado momento, João (Jim) está no carro e fala com Livia (Beth) ao telefone.

“Acabei de ligar pra veterinária”, disse Beth. “Ela falou que você nem apareceu lá.”

Uma bola de futebol atravessou a rua quicando na frente do carro de Jim. Ele deu uma freada brusca.

“Pois é, Beth, eu ia te contar”, disse Jim. “A Edna morreu.”

“Como assim?”, perguntou Beth, perplexa do outro lado da linha.

“Quando cheguei na clínica, olhei, tava morta”, disse ele. “Nem desci.”

Um garoto de pés descalços atravessou a rua e apanhou a bola. Jim seguiu em frente.

“Mas não me falou nada! Onde é que você tá com a cabeça?”, disse ela.

O narrador nos contos, apesar de muitas vezes poupar a ação interna em detrimento da externa, era pontual em determinadas observações que me pareciam essenciais para o filme.

Jim estava cansado e com fome. Queria ir para casa, mas tinha medo. A ideia de se encontrar frente a frente com Beth fazia seu estômago apertar e seus dentes trincarem. Então, Jim resolveu telefonar.

No cinema moderno, o uso do narrador tem sido bastante explorado. Filmes como *O clube da luta*, de David Fincher, ou *Trainspotting*, de Danny Boyle, ambos adaptados de obras literárias, são exemplos bem conhecidos. Então, resolvi investir no narrador nesse primeiro tratamento do roteiro cinematográfico.

Trabalhar com o narrador em uma adaptação literária significa um quebra-cabeças. Em algum momento da jornada você vai ter de encarar o narrador e mais nada, esmiuçar com dúvida cada intervenção dele, contestar até mesmo sua real utilidade.

Obviamente, num filme, o narrador em off deve ser utilizado como um princípio estético tão relevante quanto o princípio narrativo. Veja o exemplo de *Blade Runner*, de Ridley Scott. Anos após o primeiro lançamento, surgiu a “versão do diretor”, que era basicamente a mesma versão com uma sequência final mais longa e sem a voz do narrador, mostrando que, do ponto de vista narrativo-informativo, aquela narração era desnecessária. Neste exemplo, o uso da locução é mais estético do que narrativo.

Outra questão bastante complexa é transformar o mental em físico. Deixar as ações internas só para o narrador em off é o caminho do fracasso. O cinema clássico norte-americano, por exemplo, apresentou centenas de filmes adaptados de obras literárias no período pós-guerra sem utilizar a voz de um narrador para falar das ações internas nesses filmes. Como o uso estilístico da voz em off não era comum nesta época, os roteiristas utilizavam mais recursos visuais para representar essas ações. E elas estão lá, presentes na encenação. Esses filmes demonstram bem o enunciado desse conceito, tão importante em adaptação literária, de transformar o mental em físico. Ou seja, cada passagem de uma obra literária pode ser substituída por uma imagem concreta equivalente.

Foi só colocar em formato de roteiro e de imediato atentei para os nomes das personagens. Nos contos elas tinham nomes americanizados como Jim, Susan, Beth, Lis, entre outros. Como disse antes, havia uma grande despreensão na origem do conto. A proposta era tentar ser o mais parecido com Carver possível. Apesar de não haver qualquer indicação de local, sempre imaginei os contos se passando em algum lugar da costa oeste dos Estados Unidos. Adaptar para Porto Alegre me pareceu uma boa ideia, assim os nomes viraram João, Elisa, Livia, Ana.

Uma coisa que chamava a atenção, ao unir os dois contos em um roteiro, era a quase ausência do mundo exterior nos contos. As histórias se passam nos mundos privados de Elisa e João. Mas, em se tratando de um filme, o roteirista tem de ir atrás desse conflito do homem contra o mundo, o conflito considerado desde as origens do cinema como o mais cinematográfico de todos. E havia espaço para tanto no material e assim foi desenvolvida toda uma relação das personagens com a cidade, suas pessoas, sua geografia.

Existem ideias que são mais cinemáticas e, outras, mais literárias. Assim surgiu a sequência do meteoro, transgredindo o espaço da cidade, ou mesmo do mundo. O meteoro coloca os dramas de nossos personagens em um contexto cósmico. De proporções astronômicas. Como se o destino estivesse alheio a tudo.

Os pequenos dramas são insignificantes se comparados a uma catástrofe apocalíptica. Mas pouco importa o fim do mundo. O que importa, para todos, é o fim do seu próprio mundo.

O que o roteiro de *Uma segunda-feira qualquer* me mostrou, mais do que tudo, foi o crescimento das personagens, sua tridimensionalidade, sua profundidade. Os arquétipos desapareceram e surgiram duas pessoas reais, concretas, personagens dignas de um romance. Perdidos de si mesmos, João e Elisa recorrem a drogas, bebida e sexo casual, numa tentativa disparatada de buscar a estabilidade. E assim se passa o filme, os dois o tempo todo na espera, feito um barco à deriva.

São os personagens do homem-cansado, movidos aqui por uma pulsão de errância, perambulando pelas ruas, procurando se encontrar.

Ao prever o tempo de reflexão no filme, momentos nos quais João e Elisa andam pela cidade, ao trabalhar com sequências quase sem elipses, o roteiro começa a apresentar personagens com conflitos mais complexos do que aqueles mostrados nos contos. Existe um poder numa imagem fílmica, num rosto, em uma encenação. Ao nos depararmos com o rosto da atriz em meio à multidão, andando sem rumo, há um subtexto em seus gestos, em seu olhar, em suas reações, em sua interação com o meio concreto. Tudo isso faz o espectador perceber a profundidade do seu conflito, o tamanho da sua dor ou dúvida.

Além disso há o som que colabora com essa percepção. O roteirista e dramaturgo Jean-Claude Carrière, em seu livro sobre a linguagem do cinema observa uma relação inclusive com o silêncio que é parte da linguagem sonora do cinema:

Os filmes (...) utilizaram o olhar humano com infinita sensibilidade e dominaram a arte do silêncio. E, dos estranhos sentimentos dos quais vive a raça humana, extraíram significados cheios de nuances, que o teatro tradicional jamais poderia expressar e que a ficção literária abordou de forma diferente, através do eco percebido (ou não percebido) de determinadas palavras e determinadas frases.  
CARRIÈRE (1995, p.34)

Outro crescimento impressionante das personagens decorre do conflito entre o indivíduo e o mundo exterior, muito apropriado ao cinema, no qual o roteiro procurou investir, dando uma cor ao local e à época, que, desenvolvidos, ampliaram os aspectos psicológicos dos protagonistas.



Sobre o poder de um bom personagem, numa comparação com o cinema, Luiz Antonio de Assis Brasil comenta em seu manual de criação literária:

Tal como acontece no cinema, em que muitos espectadores fixam-se no ator/atriz central e são capazes de ir até o inferno para vê-los noutra atuação, assim também é o personagem de ficção na literatura: ele valerá pela qualidade de sua consistência. Já se disse de Ricardo Darín, ou Tom Hanks ou Judi Dench, que eles conseguem *salvar* qualquer história ruim.

(ASSIS BRASIL; 2019, no prelo)

Terminado o primeiro tratamento do roteiro, as personagens de João e Elisa ofereciam essa consistência, dando um verdadeiro salto em relação a como se apresentavam nos contos. E não seriam dois bons personagens um ponto de partida sólido para escrever um romance?

## 5 Confissões perdidas

Voltando à questão das ideias mais cinemáticas e as mais literárias.

Em seu famoso livro para escrita de roteiro, *Story*, Robert McKee (2006) faz uma divisão do conflito em conflito interno, conflito interpessoal e conflito extrapessoal. E relaciona o interno com o romance, o pessoal com o teatro e o extrapessoal com o cinema. “A força e encanto únicos do romance é a dramatização do conflito interno. Isso é o que a prosa faz melhor, muito melhor do que uma peça ou um filme.” (MCKEE; 2006, p. 342)

O certo é que um filme, ou romance, ou peça de teatro, mais elaborados colocam suas personagens centrais em todos os três níveis de conflito. Mas, muito provavelmente, no romance vamos ver muito mais as ações internas do que num filme. “No romance, o conflito extrapessoal é delineado através da descrição, imagens em palavras das personagens lutando com a sociedade ou com o ambiente, enquanto conflito pessoal é moldado através do diálogo”. (MCKEE; 2006, p. 342)

Conforme já dito, existe certo pragmatismo nas ideias de um roteirista. Sempre que vai imaginar uma cena o roteirista deve se perguntar: como vão filmar isso? Na tecnologia atual, um meteoro voando no espaço sideral é uma coisa muito fácil de filmar (computação gráfica), ao passo que uma onda de calor, em que as pessoas estão todas suadas e exauridas, é extremamente complicado. Não que a caracterização do calor em si seja complicada, mas, é preciso lembrar ao espectador de que estamos sob esse ambiente, e esses índices me parecem bem enfadonhos – imagens do tipo crianças se molhando com mangueira, pessoas com o rosto em frente a ventiladores. Via de regra, são repetições que tendem a tirar o espectador do drama das personagens principais. Ao passo que na literatura, essa opressão dada pelo calor só aumenta o drama em questão, sendo bem mais fácil de dosá-la em função de associações diretas que podem ser feitas entre a temperatura e as personagens.

A imagem de um meteoro é cinemática e potente, pois, estamos realmente vendo uma coisa que só imaginamos e que se apresenta concreta em nossa frente. É a grandiosidade das imagens, na qual o cinema é insuperável. Uma descrição desse meteoro num livro, por mais imaginativa e cheia de estilo, tende a não nos impressionar tanto.

McKee (2006, p. 343) sobre isso diz o seguinte:

O poder e esplendor únicos do cinema é a dramatização do conflito extrapessoal, imagens grandes e vívidas de seres humanos envolvidos por sua sociedade e ambiente, se digladiando com a vida. Isso é o que um filme faz melhor, melhor que uma peça ou um livro.

Carrière (1995, p.21), por sua vez, faz uma relação com a memória:

Quase no começo da aventura os cineastas perceberam que a memória de imagens pode, às vezes, ser mais forte e duradoura que a de palavras e frases. Lembramos o corpo branco de uma mulher, ou um incêndio a bordo de um transatlântico vermelho, de forma muito mais precisa e, provavelmente, mais vívida, do que palavras que descrevam mais ou menos satisfatoriamente aquele corpo ou aquele navio em chamas.

Jean Epstein, em seu artigo *O cinema do diabo* relaciona mais com o sonho, ele acredita que o cinema transmite com mais eficácia do que a literatura o sentimento e o instinto, já que o filme consegue reunir imagens em um sistema de organização parecida com o sonho com mais sucesso do que o texto escrito, . Isso acontece porque o filme atinge direto nos sentimentos do espectador, e compensa a dificuldade em se expressar intelectualmente, com a facilidade de despertar sentimentos através das imagens e da trilha sonora.

Se, ao invés de pretender imitar os processos literários, o filme tivesse se empenhado em utilizar os encadeamentos do sonho e do devaneio, já teria podido constituir um sistema de expressão de extrema sutileza, de extraordinária potência e rica originalidade. (EPSTEIN, 1983a, p.297).

Acho interessante essa separação entre sensorial e intelectual, pois quanto mais “puro” cinematograficamente o filme, mais ele se afasta do real, da lógica, do concreto. Epstein (1983 p. 293-294) teoriza sobre isto:

A frase fica como um criptograma incapaz de suscitar um estado sentimental enquanto sua fórmula não for traduzida em dados claros e sensíveis através das operações intelectuais, que interpretam e reúnem, numa ordem lógica, termos abstratos para deles deduzir uma síntese mais concreta. Por outro lado, a simplicidade extrema com que se organiza uma seqüência cinematográfica, onde todos os elementos são, acima de tudo, figuras particulares, requer apenas um esforço mínimo de decodificação e ajuste, para que os signos da tela adquiram um efeito pleno de emoção.

Ou seja, filme e livro atingem espectador ou leitor de maneiras completamente diversas: “o texto só fala aos sentimentos através do filtro da razão. As imagens da tela limitam-se a fluir sobre o espírito da geometria para, em seguida, atingir o espírito do refinamento” (EPSTEIN, 1983a, p. 294).

Macel Martin, em seu livro sobre a linguagem do cinema, também concorda que filme e livro atingem espectador e leitor de formas diferentes, porém, ele dá ênfase ao sentido da imagem.

A imagem entrava em relação dialética com o espectador num complexo afetivo- intelectual, e a significação que adquiria na tela dependia, em última análise, quase tanto da atividade mental do espectador quanto da vontade criadora do diretor [...]. Tudo que é mostrado na tela tem portanto um sentido e, na maioria das vezes, uma segunda significação que só aparecem através da reflexão; poderíamos dizer que toda imagem implica mais do que explicita. (MARTIN, 2003, p. 92)

Assim, numa concepção mais simplória, meteoro é coisa de cinema e onda de calor coisa de literatura.

Se o meteoro foi uma ideia que servia para mostrar a indiferença das personagens ao mundo externo, o romance também deveria apresentar esse conflito, mesmo que em menor grau. Assim, a onda de calor surgiu no romance como um “substituto” do meteoro, pensando em termos de funções.

Deste modo, decidi abandonar a ideia de fim do mundo – que acabou sendo ponto-chave no roteiro, e que, no romance, foi jogada a pano de fundo – e investi na ideia da onda de calor, que acabou ajudando bastante na ambientação do romance.

Quanto às ações internas, ou mesmo às imagens literárias, muitas vezes acabei por recorrer aos contos, pois muitas estavam lá na origem. Mas a dilatação do tempo que o roteiro criou, gerou mais pensamentos das personagens e, também, mais imagens literárias.

E o romance mostrou, ainda, mais possibilidades para essas personagens e seus dramas.

## 6 Comparando conto, roteiro e romance

Para se entender o processo de transposição em todas as minúcias, talvez fosse melhor ler os contos, o roteiro e o romance. Por julgar o primeiro tratamento do roteiro muito incipiente e, ao mesmo tempo longo, acredito que a melhor opção para se ter uma ideia na prática do que aconteceu em termos de linguagem é apresentar alguns trechos para comparação.

Por exemplo, a cena do almoço de João.

Primeiro no conto *Mentiras desperdiçadas*:

“Ela não está bem, primeira coisa, depois do almoço, leva na veterinária”, disse ela.

“Tenho um monte coisas pra fazer hoje”, disse ele.

“Como o que?”, perguntou ela.

“Como uma entrevista de emprego”, respondeu ele.

“Sei”, disse ela.

“E, além do mais, não tenho dinheiro”.

“Eu pago”.

“E o carro tá sem gasolina”.

“Eu te dou dinheiro pra gasolina também”.

O tanque tinha mais de um quarto, mas Jim mentiu. Sentia vergonha, mas agia assim do mesmo modo.

Os gêmeos jogavam feijão e arroz um no outro, a menina comia em silêncio. Jim tentou engolir a comida. Tinha gosto de cinzas.”

No roteiro ficou assim:

LÍVIA

Ela não está bem, primeira coisa, depois do almoço, leva na veterinária.

JOÃO

Tenho um monte coisas pra fazer hoje.

LÍVIA

Como o que?

JOÃO

Como uma entrevista de emprego.

LÍVIA

Sei.

JOÃO

E, além do mais, não tenho dinheiro.

LÍVIA

Eu pago.

JOÃO

E o carro tá sem gasolina.

LÍVIA

Eu te dou dinheiro pra gasolina também.

João baixa a cabeça.

INSERTE CARRO

O mostrador de gasolina do carro mostra mais de um quarto de tanque.

NARRADOR

O tanque tinha mais de um quarto, mas João mentiu.

VOLTA PARA A COZINHA

João serve a comida no prato.

Os Gêmeos jogam feijão e arroz um no outro e Livia tenta contê-los. A Menina come em silêncio.

João mastiga com dificuldade. Faz esforço para engolir.

NARRADOR

João tentou engolir a comida. Tinha gosto de cinzas.

E por fim no romance:

“ “A Edna não está bem, primeira coisa, depois do almoço, leva na veterinária”, insistiu ela.

Era uma ordem direta. João pensou em responder ríspido. Mas ultimamente costumava repensar no que falava. Naquele momento, engoliu sua resposta ríspida junto com a salada.

“Tenho um monte coisas pra fazer hoje”, disse ele.

“Como o quê?”, perguntou ela.

“Como uma entrevista de emprego”, respondeu ele.

“Aproveita e vê se faz essa barba”, comentou ela.

Os olhos fortes e calmos de Livia irritavam João, que encontrava neles uma crítica insuportável.

Ele desviou o olhar e mastigou com força um pouco de feijão e arroz.

A hora do almoço era um verdadeiro terror para João.

“E, além do mais, não tenho dinheiro”, disse ele.

“Eu pago”.

“E o carro tá sem gasolina”.

“Eu te dou dinheiro pra gasolina também”.

O tanque tinha mais de um quarto, mas João mentiu. Sentia vergonha, mas agia assim do mesmo modo. Mais uma mentira e, desta vez, por um motivo humilhante. E então, num relance, João percebeu que com essa mentira ele havia ido além. Estava finalmente denunciado seu caráter corrompido. Que aquela mentira vil e aparentemente insignificante falava muito mais do que todas as outras mentiras. E assim, de uma hora para outra, um homem bom se tornava mau.

Os gêmeos jogavam feijão e arroz um no outro, a menina comia em silêncio. João tentou engolir a comida. Tinha gosto de cinzas.”

Creio que o nível de reflexão da personagem aumentou, e muito.

Agora vamos comparar uma parte da personagem de Elisa. O momento depois que ela é agredida no corredor do prédio.

No conto foi descrito assim:

“Susan ficou um bom tempo parada ali, naquele corredor escuro e vazio. Pensava em tomar alguma atitude, mas suas ideias se contradiziam.

A sirene de uma ambulância soou ao longe. Susan juntou forças e seguiu para a rua, limpando o sangue da boca com as costas das mãos. Não tinha para onde ir, mas naquele apartamento não ficaria. Sabe-se lá qual seria o desfecho da história de Meg e Fred, mas Susan não queria estar por perto para ver. Na verdade, seu desejo era não ver nenhum dos dois nunca mais.”

No roteiro ficou assim:

58. INT. CORREDOR - ENTARDECER

Elisa está já um bom tempo parada ali, naquele corredor escuro e vazio.

A sirene de uma ambulância soa ao longe.

Elisa junta forças e segue para a rua, limpando o sangue da boca com as costas das mãos.

E no romance há outro tipo de elaboração:



“Elisa ficou um bom tempo parada ali, naquele corredor escuro e vazio. Pensava em tomar alguma atitude, mas suas ideias se contradiziam umas com as outras. Sua mente estava embaralhada. Parecia que ficar deitada ali era algo que fazia parte do seu protocolo de fracasso. Então ficou, choramingando num ritual de autocomiseração.

A sirene de uma ambulância soou ao longe. Elisa juntou forças e levantou-se, bem devagar, limpando o coágulo na boca com as costas da mão. Com medo de encontrar os fantasmas loiros no elevador, desceu pelas escadas, apesar dos treze andares - o coração espirrando sangue nos degraus, o ombro arrastando na parede.

Não tinha para onde ir, mas naquele apartamento não ficaria, isso era certo. Sabe-se lá qual seria o desfecho da história de Nara e Fred, mas Elisa não queria estar por perto para ver. Na verdade, não queria ver nenhum dos dois nunca mais, de preferência, que eles morressem logo, desejou. Que um matasse o outro e que seguissem se matando para sempre no inferno, desejou.”

Fazendo essas comparações, percebe-se as diferentes questões estéticas e de linguagem que surgem no romance, assunto que vai ser abordado a seguir.

## 7 O processo fora da tradução

Essa transposição literatura-cinema-literatura, apesar de ser o principal ponto deste texto, correspondeu a apenas uma parte do processo. O mais importante nessa transposição, e também o maior aprendizado, foi perceber o quanto as personagens cresceram, ganharam vida em três dimensões. Além do mais, outra coisa que se mostrou relevante nas traduções foi que, ao trabalhar com a narrativa em contos e roteiro de longa-metragem, isso gerou, também, um domínio absoluto da trama, o que facilitou para o desenvolvimento do romance.

As questões estéticas e formais próprias do romance, porém, partiram quase da estaca zero. Por mais que algumas frases dos contos tenham sido tomadas emprestadas, ou mesmo do roteiro, toda a construção da linguagem do romance praticamente ignora esse processo inter-disciplinar.

O desafio passou a ser o desenvolvimento da narrativa ficcional, buscando a forma mais harmônica possível com o conteúdo. Tenho como convicção que, mais ou menos como Hegel diz, para a coesão de uma obra, forma e conteúdo devem se completar, conversar entre si. Se os contos e o roteiro me traziam pronta a intriga e o desenvolvimento das personagens principais, cabia então alcançar a melhor forma de contar esta história e falar destas pessoas. Assim, busquei referências tanto em autores que acredito tem a ver com o tema e clima que imaginei para *Confissões perdidas*, quanto em conexões com a realidade, com a minha experiência pessoal e com a minha visão sobre a vida moderna, buscando sempre a contemporaneidade.

Sobre os autores que serviram de referência, destacaria Fiodor Dostoiévski, Yukio Mishima, Willian Faulkner e Jonh Fante, cada qual por seu motivo particular.

Dostoiévski é um dos meus escritores influentes. Conheço praticamente toda sua obra, inclusive com capítulo de livro do tema<sup>2</sup>. Desde o princípio, quando decidi que iria escrever um romance, o nome de Dostoiévski me veio à cabeça. O modo que ele expõe as personagens, sem medo da emoção me interessa. Tanto que sempre pensei em narrar na terceira pessoa e com tempo verbal no passado, muito por causa dessa influência.

---

<sup>2</sup> Guia de leitura – 100 autores que você precisa ler. Organização Léa Masina. Porto Alegre: LPM editores, 2007

Mishima além de ser dos meus favoritos, palmo a palmo com Dostoievski, é o autor que eu mais li e me envolvi nos últimos dois anos, justamente a época da produção de *Confissões perdidas*. Li e reli a tetralogia *Mar da fertilidade*, que considero senão a maior de todas as obras literárias, uma das maiores. Inicialmente, tinha a intenção de fazer um romance como *Neve de primavera*, o primeiro da tetralogia, cheio de imagens, com longas descrições, imitando o estilo do romance do século XIX. Logo percebi que meu material estava mais para *A queda do anjo*, o último da tetralogia, bem mais seco e sintético, o que condiz com meu estilo, mas ainda bastante rico em imagens, que era o que eu buscava.

De Faulkner havia lido *Luz em agosto* e tinha me impressionado bastante com o livro, feito várias anotações. Quando da escrita de *Confissões perdidas*, me voltou o livro de Faulkner à memória, em especial a personagem de Lena que me lembrava muito Elisa. E também havia uma riqueza nas imagens que eu buscava, conforme dito antes. Recorri ao *Luz de agosto*, que me trouxe muitas referências e inspiração.

Fante é outro escritor que tenho sempre em mente. Me identifico com a sua personagem Arturo Bandini, em especial em *Pergunte ao pó* e *Espera a primavera*, *Bandini*. Gosto dessa criação de uma personagem *alter ego*, e procuro aplicar em muitos dos meus escritos, sempre que adequado. No caso de *Confissões perdidas*, seria a personagem de João.

Partindo de tais referências, fica claro que buscava um número significativo de imagens literárias para obter o efeito dramático que minha opção narrativa pedia. Há nas personagens de *Confissões perdidas* um conflito entre razão e desejo e, via de regra, o instinto acaba levando vantagem. Pareceu pertinente utilizar, em determinados momentos, comparações das reações e posturas das pessoas com reações e postura de animais. Não esquecendo que uma personagem do livro é Edna, a cachorra, ou seja, homem e animal interagem ao longo da história. É o mundo-cão, expressão em desuso, mas bem adequada para o romance. Então, a partir de um determinado momento da escritura, recorri a essa zoologia<sup>3</sup>.

Há um universo próprio em cada mundo inventado pela ficção. Faz parte da lógica desse universo criar unidade de forma e conteúdo. Num livro, cada categoria de

---

<sup>3</sup> No romance são citados os seguintes bichos: formiga, urubu, rato, cachorro, lesma, tubarão, marimbondo, insetos, pássaro, borboleta, gata, lagartixa, passarinho, moscas, répteis, cães, jaguar, hienas, leopardo, pantera, cascavel, gato, mosquito, tigresa.

palavras utilizada, deve estar sempre adequada uma com a outra, contribuindo para essa harmonia tão desejada pelo escritor.

Em relação à narrativa, houve um determinado momento do processo, já com a maior parte do material escrito, em que decidi por um rigor na linha de tempo da história. Assim, a história intercala, em um capítulo para cada um – o dia de Elisa e o dia de João. A ação no tempo presente (há flashbacks) começa na manhã de segunda-feira e vai até a noite do mesmo dia. Naquele ponto do andamento do trabalho, percebi que havia uma ação de Elisa no capítulo 3 que ocorria depois da ação de João no capítulo 4. Deste modo, escrevi mais dois capítulos, um para cada personagem, deixando assim a linha de tempo absolutamente linear.

Dentro da ideia de “completar” todas as horas do dia inteiro das personagens, não só o exemplo citado anteriormente foi incluído na produção. Muito antes já havia surgido a ideia dos capítulos *O nocaute* e *Rosas vermelhas*, em que aparecem os personagens de Alexandre e de Pedro. Pude observar na prática o aumento do número de personagens quando a história mudou de formato. Além dos dois, apareceram também o barman e o frentista. Em termos de personagens secundárias, o desenvolvimento dessas personagens, as novas e as já existentes, é uma das questões narrativas que o romance desenvolveu em mais profundidade do que o roteiro.

Talvez, no roteiro de *Uma segunda-feira qualquer*, o narrador câmera estivesse colado demais no rosto das protagonistas e em seu entorno – para eles, não importa o que o outro está sentindo, só o que eles mesmos sentem. O narrador onisciente do romance parece que olhou um pouco além de João e Elisa e trouxe os outros personagens para a vida de carne e osso.

Sobre desenvolvimento das personagens, as protagonistas cresceram e ganharam vida na primeira versão do roteiro em relação aos contos, mas as personagens secundárias só foram viver essa transformação nas páginas do romance.

Personagens em crise, desestabilizadas, narrando em fluxo de consciência, tendem a ser repetitivas em seus pensamentos. No mundo real, se estamos com um problema, a tendência é pensar nele muitas vezes ao longo de um dia – que é o tempo da narrativa de *Confissões perdidas*. A repetição de determinadas ideias e pensamentos funciona bem para demonstrar a obsessão das personagens, mas, deve ser bem dosada para não correr o risco de deixar o texto cansativo. Assim, na divisão dos capítulos, além de cada um criar um acontecimento dentro da história, busquei um

tema para cada um deles, direcionando as reflexões das personagens e construindo uma narrativa a partir da evolução dramática desses temas.

Quanto mais tentei elevar o texto, mais aspectos narrativos foram surgindo. Sedimentou-se a história, cresceram as personagens, a linguagem ficou mais sofisticada e mais possibilidades formais se apresentaram.

## 8 Conclusão

Escrever um romance é experiência única. O processo acima descrito demonstra um envolvimento que acontece há anos. Acho singular, pensando em retrospectiva, o quanto uma “origem” despreziosa cresceu tanto em significado, tamanho e importância. O quanto me fez pensar nas possibilidades narrativas e o caminho quase que inevitável da escritura do romance.

O trânsito entre cinema e literatura colaborou para entender e enxergar o âmago das personagens. Essa conclusão me fez perceber um detalhe, que tentei transmitir aqui e que jamais perceberia se não houvesse buscado este processo. Aparece aí a novidade desta reflexão sobre a prática, e que pode ser relevante para os estudos de escrita criativa, pois não fica apenas no relato do trânsito pelas diferentes linguagens e gêneros, mas, em especial, reflete sobre o significado desse trânsito. Além disso, se presta a uma reflexão sobre adaptação e entre as diferenças entre cinema e literatura, discussão que ainda há muito por ampliar.

Voltando as questões levantadas: existem temas, assuntos e conflitos que são mais cinematográficos e outros que são mais literários? Baseado na experiência em criar *Confissões perdidas*, e em teses semelhantes de autores como Mckee e Carrière, penso que sim – os diferentes tratamentos para a onda de calor e para o meteoro, no roteiro e no romance, foram desenvolvidos de acordo com essa ideia.

A partir do momento que existe o roteiro do filme, poderia o romance *Confissões perdidas* ser considerado uma adaptação?

Na minha opinião não, pois, apesar das transposições, o controle do processo esteve sempre na mão do mesmo autor e, além do que, um roteiro não filmado ainda é um meio, e não um fim. Acho mais que se trata de um exemplo de processo criativo em sintonia com o hibridismo da cultura contemporânea e, em especial, nesse casamento feliz entre cinema e literatura.

Ao final, o processo todo me fez refletir e adquirir conhecimento sobre narrativa, desenvolvimento de personagem, linguagem, tradução, além de me proporcionar uma experiência criativa libertadora.

Já vão aí alguns anos envolvidos com a escrita e finalizar meu primeiro romance, com certeza é uma experiência marcante.

Mas, atenção, o processo criativo dessas confissões continua. Com o romance finalizado, já iniciei a escritura do roteiro do filme *Confissões perdidas*, adaptado do romance homônimo de Fernando Mantelli.

## REFERÊNCIAS

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Escrever ficção – um manual de criação literária*. No prelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CARVER, Raymond. *68 contos de Raymond Carver: tradução Rubens Figueiredo*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EPSTEIN, Jean. *O cinema do diabo*. Tradução: Marcelle Pithon. In: XAVIER, Ismail (org). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983

FANTE, John. *Pergunte ao pó*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FANTE, John. *Espere a primavera, Bandini*. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FAULKNER, William. *Luz em agosto*. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MACKEE, Robert. *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro*. 1ª edição. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

MARTIN, Macel. *A linguagem cinematográfica*. Tradução. Paulo Neves. São Paulo: Brasilisense, 2003.

MASINA, Léa (Organização) *Guia de leitura: 100 autores que você precisa ler*. 1ª edição. Porto Alegre: LPM editores, 2007.

MISHIMA, Yukio. *Neve de primavera – Mar da Fertilidade volume I*. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MISHIMA, Yukio. *A queda do anjo*. 1ª edição. São Paulo: Benvirá, 2015.